REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME XI

1906

SÃO PAULO
TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL
1907

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

117

MUNICIPIO DE IGUAPE

ESTUDO SCIENTIFICO

POR

M. Pio Corrêa

I

Dentre os municipios do Estado de S. Paulo, é o de Iguape um dos mais vastos em territorio, um dos mais ricos em materias extractivas proprias para impulsionar muitas e rendosas industrias e um dos mais interessantes para o homem de sciencia, seja qual fôr o seu ramo predilecto.

A fauna é muito bem representada (designadamente os simiæ, cheiropteros e feræ, e, sobretudo, por aves de rapina, trepadores, incessores, pernaltas e aves aquaticas); a flora, pela situação geographico-botanica da zona (Dryades), offerece nos seus bosques montano-nemorosos largo campo para estudo de dois dos mais importantes typos de vegetação brasileira; a constituição geologica, interessantissima ao primeiro golpe de vista, é promissora de larga contribuição scientifica e de consideraveis riquezas mineraes, decerto occultas naquellas rochas massiças e crystalinas, montanhas graniticas sublevadas pelo melaphyr-basalto.

O municipio de Iguape, como toda a zona banhada pelo rio Ribeira (zona esta tão grande como o Estado de Massachusetts, da America do Norte), tem sido visitado, á excepção das bacias do Juquiá e S. Lourenço, por homens notaveis no mundo scientifico, que, sem espalhafatos, hão augmentado os conhecimentos das sciencias naturaes e enriquecido as collecções dos museus do velho mundo, de modo que podemos affirmar que quem quizer informações positivas, posto que incompletas, sobre a zona iguapense, deve ir procural-as nos institutos scientificos da Austria-Hungria e da Allemanha.

Não fôra a industria do arroz, aliás ainda praticada, quasi em geral, pelos processos velhos e sem capricho; não fôra a industria do arroz, diziamos, e, sobretudo, a sua excellente qualidade, sem rival nos mercados nacionaes, e o municipio de

Iguape seria menos conhecido do resto do Estado e completamente desconhecido do resto do Brasil; e, mesmo assim, aquelles que o conhecem como productor de arroz, suppõe-no, por tal motivo, um brejo immenso, uma grande varzea alagadiça, um pantano horrorosamente paludoso, que para nada mais serve!

Entretanto, acompanhando-o na sua direcção natural (N-S) e percorrendo-lhe as bellas praias, subindo-lhe os innumeros cursos de agua, medindo-lhe as formidaveis cachoeiras, estudando-lhe as immensas florestas, analysando-lhe os variados crystaes, como a gente pasma de tanta ignorancia e tanto olvido... E, sobretudo, como entristece vêr obstruidas pela arêa as tres barras que ligam o centro do municipio com o Atlantico...

E' por uma destas barras, a do rio Una do Prelado, tambem chamado rio Comprido, que o municipio de Iguape divide com o de Conceição de Itanhaen. Outr'ora, deu ella accesso a pequenas embarcações, mesmo a vapor, que seguiam para o porto de Santos; mas, motivos de ordem economica forçaram alguns estrangeiros emprehendedores que alli haviam ido estabelecer serrarias e desenvolver outras industrias, a abandonar tal campo de acção. Vae isto ha mais de trinta annos, e da passagem, por lá, desses homens, ainda restam vestigios; porém, a barra do Una, cada vez mais assoriada, hoje acha-se reduzida a estreita passagem, entre extensos arêaes, não alcançando, nas melhores marés, mais de 2,^{m}60 de agua, assim mesmo só aproveitaveis quando o banco de arêa movel estaciona a sueste, porque, nas outras posições, torna-se aventurosa a sua entrada.

Entretanto, subindo-se este rio, cuja largura média é de cincoenta metros, que extenso territorio iguapense se visita! Comprimido entre as montanhas feldspathicas da Juréa e a cordilheira cuprifera dos Itatins, nos seus sessenta kilometros de extensão, francamente navegaveis, porque é fundo e limpo, devido a não ser correntoso, vae recebendo, successivamente pela esquerda, as aguas do Pogoçá-mirim, Pogoçá, Descalvado, Guilherme, Engenho, Botelho e Pequeno, todas descendo das montanhas da Juréa e cortando terras inferiores, arenosas; e pela direita, todas descendo da serra dos Itatins e irrigando terras fertilissimas, geralmente argilosas, o Itinga Pequeno, o Itinga Grande, o Cacunduca (que traz as aguas do Palhal, do Mineiro, do Casqueiro e do caprichoso Canella), o Forquilha, o Carvalho e o Pirassununga, sendo que o Carvalho communica por um furado com aguas tributarias do Una da Aldêa, affluente do Ribeira e, como este, navegavel por vapores até vinte e dois kilometros de sua foz.

Si, porém, da foz do Una do Prelado seguimos para o sul, beirando o oceano, encontramos successivamente a praia de Carajauna, na falda do morro do mesmo nome; depois o rio Verde, onde o viajante curioso póde apanhar pequenos rubis; subimos o promontorio da Juréa, notavel por figurar nas cartas maritimas

e pertencente á serra de que toma o nome (24° 30' 40" lat. S. e 4° 5' 18" long. O. do meridiano do Rio de Janeiro); seguimos pela formosissima praia da Juréa e pela praia do Ribeira, até á barra deste magestoso rio, que alli termina o seu percurso de cerca de quinhentos kilometros; e subindo-o até ao Una da Aldêa e entrando por este rio até encontrarmos o pequeno rio Carvalho, que o liga com o rio Una do Prelado, como já dissemos, teremos feito um percurso de muitas leguas e um circulo que alcança grande parte de terras de optima qualidade, com extensas mattas e muitas cachoeiras, mas exactamente as mais deshabitadas, devido a serem difficeis as suas communicações, quer com a cidade de Iguape, quer com a séde do districto de Peruhybe, já no municipio de Conceição de Itanhaen.

Devemos agora encaminhar para o noroeste este estudo, procurando primeiramente as divisas de Iguape com Itapecerica. Ha duas vias de communicação, ambas partindo do rio Una da Aldêa e ambas penosas: uma sóbe este rio e entra no rio Itingossú; sóbe este até ao rio das Pedras, fraldeia a serra dos Itatins, desce o rio do Peixe e entra no rio Itariry, que desce até á sua confluencia com o S. Lourencinho, sóbe este rio e o seu Bracinho, e depois, por estrada regularmente conservada pelo governo, vamos encontrar a divisão no espigão da Serrinha, onde existe uma lagôa, a 505 metros de altitude. (1)

O outro caminho é o que, partindo do Una da Aldêa, vae procurar o rio Itimirim (onde consta ter-se feito já extracção de minerio de cobre), sóbe-o até á fralda das serras da Almecega e Bôa Vista (aliás serra do Pouso Alto) e atravessando o rio Bananal segue por terra até á séde do referido districto da Prainha, que vae occupar-nos a attenção por alguns momentos; devemos antes, porém, dizer que da confluencia dos rios Itariry e S. Lourencinho, já descripta, se fórma o rio S. Lourenço (do qual são navegaveis por pequenos vapores cerca de quarenta kilometros); e descendo-o dezoito kilometros, encontra-se a Prainha, edificada á sua margem esquerda, na altitude de 160 metros e a 24°20' de latitude S. e 4°15' longitude O. do meridiano do Rio de Janeiro. Daquella confluencia até á Prainha, ha tambem bôa estrada.

Data de 16 de março de 1873 a creação da freguezia de Nossa Senhora das Dôres da Prainha, mais conhecida pela denominação de Prainha de Iguape, a qual occupa uma grande extensão de terras, com situação especial, que, acreditamos, hão de vir a constituir um prospero municipio, quando a sua população attin-

---

(1) Parece que Iguape contesta esta divisa, achando que o seu territorio se estende até ao morro do Chiqueiro, por ser este o divisor das aguas que vão para o Ribeira (Juquiá) e das que vão para o Tieté Em verdade, é a melhor divisão natural, mas da mais absoluta inconveniencia para o povo.—Tanto pela Serrinha como pelo morro do Chiqueiro, passa a estrada que dest'arte liga, em quarenta horas de viagem, a séde do districto da *Prainha*, no municipio de Iguape, com a capital do Estado, passando por Itapecerica e Santo Amaro, com a extensão de 173 kilometros.

gir o numero exigido pela lei; o que, aliás não occorrerá logo, visto que hoje ainda não deve exceder de duas mil almas (1).

Ligada a Itapecerica e á capital do Estado pelo caminho já descripto, a Prainha poderia estar ligada a Iguape pela estrada antiga, hoje num estado vergonhoso, devido ao abandono a que as ultimas camaras, por capricho politico, a votaram; entretanto, a séde da freguezia tem tambem facil communicação com Iguape, pois descendo o rio S. Lourenço, em cuja margem demora, entra se no Juquiá e depois no Ribeira, que leva suas aguas pelo Vallo Grande ao porto da cidade, percurso esse de cento e setenta e seis kilometros, que já foi feito regularmente por vapores e que para continuar só exige que sejam limpos uns vinte kilometros entre a sua foz no rio Juquiá e a Prainha.

Cumpre-nos ainda frisar a circumstancia de que neste trajecto se passa pela séde da freguezia de Santo Antonio do Juquiá, e que da barra do Juquiá, subindo o Ribeira, se encontra, a cincoenta e seis kilometros, a cidade de Xiririca.

Dissemos que a Prainha gosa de condições especiaes; e, em verdade, se considerarmos nas já citadas e tambem na hydrographia desta parte do municipio, logo nos convenceremos da justiça de tal affirmativa.

As aguas que cortam as terras do districto vêm das encostas occidentaes das serras de Paranapiacaba e dos Itatins. Da primeira vêm o S. Lourencinho, que em seu longo percurso recebe diversos affluentes, entre os quaes, pela esquerda, o ribeirão do Areado (que tem um pequeno affluente, o Theodoro, onde consta existir uma jazida de mica); e, pela direita, successivamente, o Braço de Cima; o Bracinho (que a estrada para Santo Amaro atravessa com o nome de Pedreado); o Braço (tambem chamado Braço Grande e que na mesma estrada é mistér atravessar quatorze vezes em uma legua de percurso); o Bocca-para-cima (que tem um affluente, o Relogio, onde existe uma jazida de mica, da qual já tivemos diversas amostras, com $0^{m},47$ de comprimento) e o Sobe-e-Desce (nome allusivo ás suas muitas e violentas voltas).

Da mesma serra, suppõe-se, desce o rio Guanhanhan, que conhecemos desde a foz do ribeirão do Oleo, seu importante affluente pela direita. E' neste ponto um grande volume de agua, que vae augmentando desde que recebe successivamente o ribeirão do Wright, pela esquerda; o rio Areado e o ribeirão Bocca-para-cima pela direita. Houve nelle mineração e vimos lá, ha pouco, bôas amostras de minério de ferro.

O Guanhanhan é rio bonito, muitissimo correntoso e de aguas crystalinas. Entre os seus saltos mais notaveis figuram os de nomes Figueira, perto da sua foz; Pio Corrêa, primeiro abaixo da foz do Areado; Doutor Cardoso, primeiro acima da

---

(1) 1.284 habitantes em 1886; e 1.507 em 31 de dezembro de 1890.

foz do mesmo rio; e Doutor João Mendes, o unico entre aquelle e a foz do ribeirão do Oleo. Todos estes saltos têm um desnivelamento médio de quatro metros.

A foz do Guanhanhan, pela direita, encontra-se com a foz do rio do Azeite, pela esquerda, e desta confluencia origina-se o rio Itariry. O rio do Azeite desce da serra do mesmo nome (contraforte da de Paranapiacaba) e em todo elle ha lavras auriferas Recebe pela direita o corrego Benedicto Mirim e o ribeirão do Areado, grande e com moradores: e pela esquerda os ribeirões da Anta Gorda e das Pedras, o primeiro dos quaes navegavel. Perto da foz, a uns cem metros, está o grande salto Publio Ribeiro, magnifica queda de agua intransponivel pela navegação.

O rio Itariry que, como vimos, é formado pela confluencia daquelles dois rios Guanhanhan e Azeite, é um curso de agua que não excederá de trinta kilometros. Tambem muito correntoso e de aguas crystalinas, apresenta a particularidade de que os seus saltos e cachoeiras são na parte inferior, ao passo que a parte superior, desde a foz do seu affluente rio do Peixe até á confluencia já descripta, offerece franca navegação.

Descendo, pois, o Itariry, vamos encontrar alguns corregos antes da foz do ribeirão Arêa Branca (tambem chamado Teagem e Bulha) pela direita; abaixo, o corrego Bento Cyrino, pela esquerda; e ainda por esta margem o rio do Peixe, que vamos subir, por ser uma agua importante e que, apesar de conhecida, ninguem descreveu até agora.

O rio do Peixe. que conhecemos desde a foz ás nascentes, póde ser dividido em duas secções: a primeira, comprehende desde a foz até ás Tres Barras, logar onde se reúnem o ribeirão do Peixe, o Braço de Cima e o Braço do Meio do rio do Peixe. E' a mais importante e a mais extensa, com muitas cachoeiras e saltos; destes destacam-se, por sua imponencia, os de nomes Presidente Fallières, com mais de cem metros de extensão e quarenta e cinco de largura; e o Argelia, num magnifico cotovello, tendo um desnivelamento de quatro metros, porém extenso, e uma largura de quarenta metros; e das cachoeiras as de nomes Barra, que é antes uma série dellas; Figueira, Porco do Matto, Torcida e Lageado. Nesta secção só conhecemos dois affluentes: os ribeirões Lageado e Fortunato, este pela esquerda e aquelle pela direita.

A segunda secção é constituida pelo ribeirão do Peixe até ás suas nascentes. Comprehende um curso talvez de vinte kilometros até á confluencia que lhe dá origem e corre entre as serras do rio do Peixe e do Gracuhy, esta com uma altitude que varia de 600 a 734 m. A confluencia que dá origem a este ribeirão é formada por tres corregos de nomes Melania, Anna Justina e Flavia, os quaes teem suas nascentes na serra do rio do Peixe, fazendo contravertentes com o rio Despraiado, tributario do Una da Aldêa.

A parte inferior do rio do Peixe foi trabalhada pelos antigos mineiros. São terras optimas, onde o governo fez demarcar ha uns cincoenta annos as terras do aldêamento de indios guaranys, geralmente conhecido pelo *Aldêamento do Itariry*. Estes autochtones, ao contrario do que se suppõe, não são restos dos antigos povoadores destes sertões, mas sim dos de Matto Grosso, de cujo Estado vieram, selvagens e barbaros, na primeira metade do seculo findo, fazendo depredações e praticando tantos crimes que foi necessaria uma expedição militar, a qual tendo morto a quasi totalidade, incutiu nos sobreviventes um tal terror, que jámais tiveram energia para qualquer novo ataque. O seu numero está hoje reduzidissimo : cinco familias apenas, que vivem da pesca e caça pelo systema primitivo, habitando *casas* sem paredes e desprezando absolutamente as magnificas terras de que são senhores, mas que não querem arrotear.

Voltando á foz do rio do Peixe, e continuando a descer o Itariry, encontramos, além de outras aguas pouco importantes, o corrego do Tanque, pela esquerda ; o ribeirão dos Bugres, navegavel e com moradores, pela direita ; outro ribeirão do Tanque (1) e o ribeirão Bocca-para-cima, pela esquerda ; e o ribeirão Alferes, pela direita. Neste percurso é que são encontradas as cachoeiras, dentre as quaes destacamos as de nomes Mandote, Piririca, Funil, Caracol e Quebra-canôa. A do Funil tem quatro canaes : do Velho, do Meio, da Mochita e do Mandote. A cachoeira do Caracol tem dous canaes : Carreiro Grande e Caramurú.

O rio Itariry, que desce pela esquerda, vae encontrar-se pela com o rio S. Lourencinho, de que já fallámos, e o qual desce direita ; é desta confluencia que se forma o rio S. Lourenço (2), todo navegavel por pequenos vapores, como em outro logar referimos, e que recebe, antes de chegar á Prainha, o ribeirão do Valle e o rio Faú, pela direita ; e o ribeirão dos Leites (outr'ora chamado Limeiro ?), pela esquerda.

O rio Faú, onde existe mica e onde dizem terem sido encontradas esmeraldas, é navegavel até ao salto grande que pretendem aproveitar para a producção da força necessaria á projectada estrada de ferro entre a capital e Santo Antonio do Juquiá. Subindo o Faú, a primeira agua que se encontra é o ribeirão que denominam Entre-ambas-as-aguas, porque se communica com uma lagôa da qual parte o ribeirão do Valle, affluente do S. Lourenço, em que acima fallámos, e que a torna muito curiosa. Continuando, porém, a subir o Faú, encontramos suc-

---

(1) E' frequente, aqui, a donominação—*ribeirão do Tanque*—e sempre applicavel a aguas sem nome que, represadas, servem para mover os engenbos de fabricar aguardente e farinha e de pilar arroz, etc., etc.

(2) O rio S. Lourenço, de que aqui se trata, nada tem com o de egual nome que nasce em Itapecerica e que é tambem affluente do Juquiá, mas que neste se despeja antes mesmo de descer a serra.

cessivamente os ribeirões seguintes: Desvio e Agua Preta, pela direita; Guapuronga, pela esquerda; Tanque, pela direita; Ricardo e outro cujo nome ignoramos, pela esquerda; um outro, tambem de nome ignorado por nós, pela direita; Jordão, pela esquerda; Tanque, pela direita; outro sem nome e o Braço Grande, pela esquerda; Bracinho, pela direita; Sumidouro, pela esquerda; Vallo, pela direita; Moniz, pela esquerda; e Bulha e Grillo, pela direita.

Descendo um pouco o S. Lourenço, a partir da barra do Faú, logo se chega á séde da freguezia da Prainha, numa situação encantadora e a 24° 20' latitude S. e 4° 15' longitude O. do meridiano do Rio de Janeiro. E' uma pequena povoação, com capella, alguns predios bons e bastantes casas pequenas, todas caiadas exteriormente, respirando limpeza; quando se a visita logo se comprehende que se está num logar de trabalho e de ordem.

Continuando a descer o rio S. Lourenço, encontramos ainda mais dois affluentes seus; primeiro, á direita, o Bigoá (de onde já vimos amostras de mica muito bôa), e depois, á esquerda, o Bananal, esse rio que é o mais encantador e encachoeirado de todos e completamente desconhecido, desde o seu affluente Braço Grande para cima, até ha pouco, quando em missão scientifica e particular o percorremos descobrindo grande parte do seu curso, cheio de corredeiras e saltos e com dous *sumidouros* notaveis (1).

Vamos, portanto, subir o Bananal, um dos maiores affluentes do S. Lourenço. Tres kilometros acima de sua foz recebe elle o ribeirão do Engenho e tem diversas cachoeiras e saltos, das quaes se destacam a cachoeira do Espelho e os saltos Grande, do Meio e de baixo e de cima da Agua Parada. Este ultimo corre a 190 m. de altitude e é constituido por quédas successivas, prefazendo um desnivelamento de cinco metros, no meio de uma paysagem lindissima, com o rio largo e, ao centro, um deposito de cascalho alluvional, já em parte coberto de vegetação, parecendo uma ilha. Neste mesmo percurso, affluem ao Bananal algumas aguas, entre as quaes o grande ribeirão Taquarussú, pela esquerda, que tem, perto de sua foz, um pequeno salto; os dois corregos Dois Irmãos, que correm parallelamente; e os ribeirões do Cedro e da Matriz, este nascendo na serra do mesmo nome e affluindo ao Bananal quando o rio corre a 203 m. de altitude. Temos mais duas aguas, o corrego do Socô e o ribeirão do Mantico, antes de chegarmos ao salto do Travessão, abaixo do qual affluе, pela direita, o ribeirão do mesmo nome.

Subindo ainda, chegámos a uma outra paysagem deliciosa, com uma ilha de formação recente, mas estavel—a ilha do Almoço, situada logo abaixo da foz do ribeirão da Forquilha, que

(1) Expedição de que, além do auctor deste trabalho, fizeram parte o cav. Olivier de Lachèvre de Teulle, consul de França em S. Paulo; capitão Diogo Martins Ribeiro Junior e J. B. Raschiero.

afflue pela esquerda. Dahi pouco caminhamos para encontrar as primeiras grotas do sumidouro, que raros haviam visto até então, sem aliás se approximarem muito, com o receio superstícioso proprio dos naturaes da zona. E a verdade é que nós mesmo, apezar de termos o espirito disposto para o estudo desse sumidouro, pouco vimos, tendo-o aliás atravessado! Lembramo nos, por exemplo, que depois de costearmos o rio por entre immensos bosques de chusqueas e colossaes massas graniticas, chegamos á cachoeira de baixo do sumidouro (348 m. de altitude). Acima dois metros de altitude, afflúe um corrego pela esquerda e logo depois começa uma grande *ilha*, formada á esquerda por enormes rochedos cobertos de musgos, dentre os quaes emergiam alguns fetos e begonias, rochedos aquelles que mostram terem sido, em época bem distante, lavados durante centenas de annos pelas aguas que agora corriam subterraneamente; o outro lado da ilha é muito mais alto, coberto de vegetação espessa e commum. Tem o nome de Ilha do Consul, e constitúe a parte inferior do sumidouro do Bananal, que é agora denominado Sumidouro Velho. A uns cem metros acima da ilha do Consul descobrimos o leito primitivo do Bananal, completando desse modo uns trezentos metros de extensão, que nós consideramos interessantissimos, dignos de um estudo que muito sentimos não haver feito.

Da serra do Sumidouro desce o corrego da Figueira; e da serra do Moraes, que a continúa, desce o Lageado, que afflúe ao Braço Grande do Bananal, ribeirão este que encontramos já bem largo a 482 m. de altitude.

Aqui termina a parte mais ou menos conhecida do curso do Bananal, e começa o longo trecho que nós fomos os primeiros a percorrer, porque, mesmo nos tempos coloniaes, os mineiros trabalharam apenas nas pequenas aguas que affluem na parte baixa do rio.

O primeiro corrego que encontramos é o Raschiero, pela direita, o qual sáe de uma lagôa de cento e cincoenta metros de comprimento e trinta de largura e que corre na direcção N. A lagôa está situada no alto de um serrote que separa na direcção L—O, o ribeirão Braço Grande, do rio Bananal.

Neste ponto, o rio, vindo de N—NO, fórma um tanque, desce dois degráus de um metro cada um, fórma novo tanque e volta-se violentamente para S O, depois de passar por uma garganta de pedras baixas. O corrego afflúe justamente no cotovello, perto de um *aleixo* e tendo defronte, sobre as rochas, uma outra arvore, a *penitencia*. O corrego, na sua foz, tem um pequeno poço, á frente do qual está, como a enquadral-o, uma pedra de um metro de comprimento. A cachoeira Raschiero é constituida por nove degráus; a sua garganta tem tres metros de fundo e nella a agua corre com a velocidade de seis kilometros sendo de dez metros o desnivelamento.

Daqui para cima, o Bananal recebe diversos affluentes, ainda

sem nome, e tem algumas cachoeiras antes de chegar ao corrego do Felix e outras depois deste, fazendo então um assentado até ao salto Lachèvre, bonito e muito extenso e onde as aguas correm na direcção NE. 60, fazendo uma volta para N.

Logo acima do salto, afflúe ao Bananal o ribeirão Lachèvre, vindo da direcção SE. 125. E' verdadeiramente aprazivel este ribeirão e a uns cem metros da foz tem o pequeno salto Helena. Subindo mais o Bananal, chegamos ao ribeirão Violeta, que afflúe na direcção NE. 10, pela margem direita. A tresentos e cincoenta metros do ribeirão Violeta, está o magnifico salto Violeta, constituido por cinco degráus bem separados uns dos outros; ahi a agua do Bananal corre entre rochedos na direcção SO 269. Acima deste salto o rio faz um assentado de doze metros de largo e lindissimo, ao cabo dos quaes se chega á corredeira Esmeralda.

Pouco distante está o salto Coronel Diogo, constituido de rochas graniticas com veias de quartzo limonitoso, indicio seguro da presença de ouro e o qual tambem haviamos encontrado já no salto Violeta. O salto Coronel Diogo é muito bonito, tem diversos degráus e um desnivelamento apparente de quatro metros, correndo as aguas na direcção N 19 E, direcção esta modificada acima, no assentado de cento e cincoenta metros de extensão e dez a quinze de largura, que ahi faz o rio e onde elle corre na direcção N. 340 O. No fim deste assentado encontra-se o salto Presidente Tibiryçá, o maior até então descoberto por nós. E' muito extenso e deve ser interessantissimo sob o ponto de vista scientifico, como adiante expomos. Haviamos visto apenas o ultimo degráu, de cerca de tres metros e de um effeito surprehendente; como estavamos um pouco longe, quizemos approximar-nos para photographal-o, mas o caminho era difficil, e então desviamo-nos um pouco para N. 70 E, convictos de ir encontral-o a uns cem metros. Fez-se a picada por entre chusqueas, no morro Tibyriçá, e quando, finalmente, a picada descobriu um valle e nelle sahimos, a nossa surpreza não podia ser maior: o Bananal havia desapparecido! Em vez do magnifico salto, com a agua a correr vertiginosa e ruidosamente, encontravamos, illuminados pela meia luz do sol poente côada por entre as folhas dos grandes vegetaes, enormes rochedos, de um aspecto magestoso e triste, quasi apavorador.

A impressão em nós produzida pelas numerosas cachoeiras e saltos cujas aguas espumantes jámais haviam espelhado olhos humanos e tambem a que receberamos no Sumidouro Velho, desappareciam para dar logar a uma outra impressão, completamente diversa, mixto de admiração e terror, ante a magestade daquelles blocos graniticos, a solidão do logar e a melancholia da paysagem deste segundo sumidouro, chamado Sumidouro Capitão Diogo. E' neste que se encontra, num morro á direita, do leito do Bananal, o explendido salão granitico Pio Corrêa, cuja

entrada se faz por uma porta constituida por uma lage tão fortemente inclinada, que é perigosissimo descel-a de pé: nós o fizemos sentado, escorregando cautellosamente; e só quando nossas pernas se suspenderam e nos consideramos seguro, é que passeiamos a vista por aquella caverna granitica, um verdadeiro salão de trinta metros de comprimento, dividido em duas secções, uma mais estreita, a superior, outra mais larga, a inferior. As paredes têm seis a sete metros de altura, constituidas por blocos graniticos, cada um dos quaes cuba dezenas de metros. Toda a agua do Bananal cáe, por duas aberturas, neste salão, com uma violencia tão inaudita, que todo elle fica um deposito de espuma; e quasi toda essa agua desapparece por duas aberturas subterraneas, existentes na parte inferior do salão, uma ao centro e outra á direita. A' esquerda ha, comtudo, outra sahida: é a que conduz a pouca agua que corre entre os rochedos.

Na parte superior deste sumidouro ha um salão de quatro metros de largura, com tres degráus de um metro cada um. A agua segue pela direita, fóra do leito natural, e cáe no salão. O salto, tambem chamado do Capitão Diogo é o começo do sumidouro; o salto Presidente Tibiryçá deve ser o ponto em que o rio Bananal, após trezentos a quatrocentos metros de curso subterraneo, irrompe do seio da terra e retoma o seu curso natural.

Acima do salto Capitão Diogo, cerca de cem metros, o rio faz uma grande curva, que lhe modifica a direcção de E. 110 S. para E. 92 S. Mais acima, encontra-se, pela esquerda o corrego Brasilino. O rio descreve aqui a grande curva e é assentado até um novo e magnifico salto, com um desnivelamente de alguns metros, e cuja ultima queda tem dois metros:—é o salto Campos Salles.

Entre o corrego Brasilino e o dito salto, affluе ao Bananal o ribeirão Lisboa Junior, de tres metros de largura, com agua abundante e crystalina, tendo a direcção geral N. 340 O, pelo que é de suppôr desça da serra dos Itatins. Do salto Campos Salles para cima, o rio Bananal continúa sendo desconhecido, pois de lá não o subimos mais; entretanto, o rio indica ahi ser ainda bem extenso; as suas aguas devem, no percurso de alguns kilometros, ondear nas piriricas, ferver nas cachoeiras, tombar em brancos lençóes nos saltos, até ás suas ignoradas nascentes, presumidas nos Itatins e presumidas no Azeite, mas jámais verificadas.

Voltemos á foz do Bananal, deste bello rio cujas aguas irrijam sempre e sómente terras de primeira qualidade, e desçamos o rio S. Lourenço até á sua foz no Juquiá. Neste percurso, elle não recebe alguma agua notavel.

Está, portanto, descripta uma vasta área do municipio de Iguape, desde a foz do Ribeira á foz do Una do Prelado e o systema fluvial deste ultimo; bem como a bacia secundaria do Ribeira, que podemos chamar com mais ou menos propriedade—bacia do rio S. Lourenço.

Assim, pois, vimos já o territorio da Prainha irrigado por innumeros cursos de agua, mais ou menos notaveis e importantes. Si a abundancia das aguas se harmonisa com a qualidade das terras, evidentemente é privilegiado aquelle pedaço da zona iguapense. Ora, é certo que a Prainha produz indistinctamente café, arroz, milho, feijão e canna, e ha tambem plantações em pequena escala de cacáu e batata ingleza, com excellente resultado.

A creação de gado bovino e suino acha-se já bem desenvolvida, e pela estatistica, feita ha tempos, ha no districto cerca de duas mil cabeças, entrando tambem o gado cavallar; o fabrico de aguardente é feito com capricho e tambem o do vinho de laranja, embora este seja em pequena quantidade. O fabrico do queijo, já ensaiado, póde dar razoavel lucro.

Tudo aqui promette remuneração segura: a uberdade do sólo, a doçura do clima (isento das febres tão persistentes em outros logares da municipio) e a cordura dos habitantes, constituem boa garantia para quem naquellas paragens quizer empregar capitaes; posto que, é mister dizel o neste estudo, quer a agricultura, quer as grandes riquezas naturaes existentes, só poderão ser bem aproveitadas, desde que se lhe restabeleça a navegação fluvial, se lhe dê a projectada estrada de ferro para a Capital e se abra na zona uma barra accessivel a navios de grande calado. A situação topo-geographica da Prainha exige, antes de tudo, os dois primeiros melhoramentos.

II

Continuando a descripção, reatal-a-emos na Serrinha, limite convencional com Itapecerica, e proseguiremos no rumo de sudoeste pelo cume da serra de Paranapiacaba, e cordilheira riquissima em schistos e quartzitos, afim de beirarmos as divisas com a Piedade, Pilar e Sarapuhy (1), e descermos pelas vertentes de encosta oriental da mesma serra até o rio Juquiá, pelo qual corre parte da divisa com o municipio de Xiririca.

A serra Negra, tambem chamada serra Preta, divide as aguas do rio Itapetininga das do rio Verde, ainda no municipio de Sarapuhy. As deste rio Verde descem para o municipio de Iguape por um leito pedregoso, cheio de cachoeiras e saltos, correndo entre blocos graniticos e por sobre barros ochraceos e affluem para o Assunguy, ou quasi o formam, porque até áquelle ponto a sua agua é pouca; mas, dahi em deante, torna-se um rio navegavel por canôa em extensos trechos que alternam com os seus saltos tão ruidosos, que se ouvem a kilometros de distancia, com as suas cachoeiras tão magestosas que, quem as vê, jámais póde esquecel-as!

---

(1) Não conhecemos bem as divisas já estabelecidas e sabemos que falta ainda estabelecer algumas. Acreditamos, porém, que já não divide com Itapetininga, embora trabalhos recentes dêm este municipio como confinante com o de Iguape.

Mas de todos estes saltos o mais maravilhoso é o que, começando uns quatro kilometros antes da foz do Assunguy, no rio Juquiá, tem tres kilometros de extensão, em linha recta, com uns vinte metros de largura e uma quéda de cem metros! O espectaculo deste salto (1), ou série ininterrupta de saltos, é magnifico e uma das grandes attracções da zona, para os seus visitantes.

Nascendo da mesma serra Negra e affluindo ao mesmo rio Assunguy, de que vimos de nos occupar, vêm os ribeirões Pereiras, Paiol, Jacintho, Araribá, Corujas, Costas (parece que tambem chamado Arêas) e Claro, o segundo é uma pequena agua, mas muito curiosa: corre sobre silex, e, em bôa parte, por *debaixo da serra*, que dizem ser aurifera e carbonifera, faltando-nos, comtudo, os necessarios dados para o justificar. Só o que sabemos é que tem crystal de rocha. O dos Costas, é navegavel por canôas.

Quando o Assunguy se despeja no Juquiá, já este, parece-nos, traz as aguas do Bracacheta, Pirahy e S. Lourenço (de cima da serra); depois (?) recebe mais as aguas do Fartura, do Quebra-cabeça, do Serra e do Cornelio, além de outras, cujos nomes não nos occorrem.

Mais para sudoeste, ha um contraforte da serra Negra que tem o nome de serra das Fornalhas; é aqui que nasce o Areado, ribeirão cheio de saltos e cachoeiras e cujo leito, desviado pelos antigos mineiros, ainda fernece bôas amostras de ouro. As terras que elle banha, mostram largas veias de manganez, argila, cal e ferro; e, ha quem o assevere, de carvão. O Areado despeja suas aguas no Ipiranga, ou antes fórma este rio, desde a confluencia com o ribeirão Temivel, que despeja as suas aguas, depois de um desnivelamento de cento e cincoenta metros, num salto que excede de trinta de altura! Descendo o Ipiranga, encontrámos diversas aguas antes de chegar ao Porto de Cima, e entre ellas o Travessão, pela direita, correndo sobre o novo leito que os exploradores do ouro lhe determinaram; entre o dito porto e a foz no Quilombo, ainda o Ipiranga (rio aurifero, outr'óra muito trabalhado nos seus cem kilometros de extensão, e que possue cachoeiras bellissimas na primeira metade de seu curso), recebe diversos affluentes, e entre estes, pela direita, os ribeirões Preto, Tamanduá e Onça Parda.

Ainda mais ao sudoeste, do alto da serra de Paranapanema, quasi do alinhamento da garganta de Irapoá, descem os ribeirões da Barroca Funda e do Berésino, que confluem, dando origem a um ribeirão, cujo nome desconhecemos, mas que váe despejar suas aguas no ribeirão do Poço, já depois deste haver recebido, pela esquerda, os ribeirões Taquarussú e do Meio; o ribeirão do Poço pela direita, e o ribeirão do Azeite, pela esquerda, confluem, entre as serras Queimada e do Quilombo, e

(1) Lêmos que este salto tem trezentos metros de quéda. E' inexacto.

dão assim origem ao grande rio deste nome, que recebe diversos affluentes, dos quaes apenas recordamos o de nome Barro Branco e, pela direita, o Cotuçá e o Areia Branca; e, abaixo, pela direita, despeja no Ipiranga, de que falámos ha pouco.

As aguas que acabamos de mencionar, não obstante irrigarem os valles do Quilombo e do Juquiá, correm todas para este ultimo: o Assunguy affluente quando elle ainda é chamado Juquiáguassú e o Ipiranga quando elle é simplesmente Juquiá (1), que é tambem a sua denominação no municipio de Itapecerica, onde elle nasce e o temos visto, estreito e vadeavel, bem differente daquella grande arteria fluvial que os vapores singram e que antes de despejar-se no Ribeira, por entre elevados morros graniticos, já tem mais de cem metros de largura.

Todos os rios e ribeirões descriptos, e innumeros cursos de agua que não podemos descrever, retalham, banham e fertilizam essa região montanhosa por excellencia, e que é, sem contestação, a mais rica do municipio e a segunda da zona sob o ponto de vista mineralogico (2) Embora não façamos caso das vagas noticias que correm da existencia de carvão no Areado e de lignite no Quilombo; desprezando os vehementes e frequentes indicios do ferro e do manganez; desaproveitando mesmo as jazidas de argilas preciosas, como até hoje não foram encontradas em outra parte do Estado,—fica ainda o ouro, que, confessamol-o, em nenhum ponto da zona promette mais larga e mais segura recompensa aos capitaes que se aventurarem, na sua exploração.

Entretanto, esta valiosissima área, sobre cuja excepcional riqueza em ouro não nos queremos deter para que não nos chamem de visionario, vive tão abandonada, que o proprio rio Juquiá, que a corta em sentido longitudinal, ainda não é conhecido em todo o seu percurso! Sem excepção, os rios, ribeirões e corregos seus affluentes, foram revolvidos, incommodados no seu curso pelos antigos mineiros; as largas fitas de cat s que os margeiam attestam ainda hoje o labutar dos tempos coloniaes, quando a ambição humana passava varzeas enormes e leitos de extensos rios pelo fundo das batêas de canella preta. E hoje, que as ambições são ainda maiores, ao homem da época e do paiz, já não bastam os filões de quartzo aurifero, onde o bisulphureto de ferro se apresenta conjunctamente sob a fórma prismatica da promissora pyrite branca (mispikel) e sob a fórma cubica da enganadora pyrite amarella; elle quer mais do que estes crystaes, quer o filão de ouro massiço, mesmo que seja apenas de dezoito quilates ..

---

(1) Circumstancia extraordinaria, talvez unica nas denominações geographicas do Estado: o rio Juquiá deixa de chamar-se *Juquiá-guassú* exactamente quando recebe o consideravel volume das aguas do rio S. Lourenço. Dahi para baixo, que é muito mais largo, chama-se simplesmente *Juquiá!*

(2) Sob o ponto de vista mineralogico industrial, reconhecemos na zona tres regiões privilegiadas: — 1.ª) Iporanga: chumbo, tendo como auxiliares a prata e o ouro; —2.ª) Juquiá: ouro;—3.ª) Ribeira baixa (margem direita): ferro.

Porisso, nada se tem aproveitado. As concessões de novembro de 1878 e de julho de 1887, para nada mais serviram do que para dar algum trabalho aos funccionarios do ministerio pelo quaes corria esse serviço. Requeridas por individuos sem relações no exterior com as pessoas que costumam tratar estes melindrosos negocios e mesmo sem competencia technica, ellas nem siquer tiveram como resultado o levantamento da planta da região! Conhecemos apenas um mappa, delineado por engenheiro que nunca a viu e que teve o cuidado louvavel de o declarar; refere-se a uma quadra, da qual foi proprietario um norte-americano, hoje septuagenario, ex-colono, quasi analphabeto, e sobre as informações do qual o citado engenheiro chegou a fazer a discriminação dos terrenos sob o ponto de vista geologico, indicando com precisão os depositos ou alluviões auriferas! Uma phantasia bem condemnavel!

Sabemos, entretanto, que nos ultimos mezes foram ali feitas diversas pesquisas que produziram os melhores resultados, e que os novos proprietarios de extenso terreno aurifero esperam vêr ali estabelecida a mineração do ouro, numa época mais ou menos distante. Si a estes trabalhos juntarmos umas explorações de mica, realizadas ha poucos annos e em pequena escala, teremos feito o historico mineralogico do Juquiá, um dos primeiros logares de onde foi extrahido ouro e evidentemente um daquelles onde existe maior quantidade para ser extrahida.

O sólo é argiloso, avermelhado, proveniente da decomposição de rochas feldspathicas. Produz tudo: o café, o milho, o feijão, a araruta, a canna, o arroz, a mandioca, de que ha importantes culturas, e outros generos, apenas ensaiados; porém, pertencendo esta região á cordilheira maritima, formada em sua maior parte de rochas crystalinas, ella será pouco adaptavel á agricultura mechanica. O seu futuro reside principalmente na mineração e na hulha branca; comtudo, devemos declaral-o, o baixo Juquiá, desde a foz do Assungui á sua foz no Ribeira, é francamente utilizavel, sobre tudo para o arroz; varzeas bem extensas e bem irrigadas, cortadas tambem pelo ribeirão Fundo, em que ainda não tivemos occasião de fallar, mas que afflue ao Juquiá pela sua margem direita, entre a povoação e o Quilombo; e tambem lagôas consideraveis, como a do Mimoso, já perto do Ribeira, dão ás terras a humidade necessaria para que possam ser aproveitadas com real vantagem.

Todo o baixo Juquiá tem importantes pastos naturaes de capim nobre, que podem ainda servir para desenvolver a criação de gado, ao que as terras do Juquiá se prestam magnificamente. E a industria pastoril daria aqui bom lucro, desde que fosse exercitada por pessôa habil e que dispuzesse de transporte fluvial proprio e rapido para o porto de Iguape ou para o porto de Cananéa, e lá o trasbordasse para vapores maritimos, préviamente ajustados. Não poderia falhar.

Resta-nos ainda falar da povoação, freguezia de Santo Antonio de Juquiá (24.° 24' de latitude S. e 4.° 26' de longitude O. do meridiano do Rio de Janeiro), a qual tendo sido fundada em 29 de fevereiro de 1829, não progrediu muito: tem oito casas, ou seja uma para cada dez annos de existencia.

Nos primeiros tempos, consta-nos, os governos provinciaes interessaram-se por esta nova povoação; porém, nada poderam conseguir, porque o povo, em vez de melhorar e prolongar as estradas existentes, as deixou obstruir; e hoje dispõe apenas de uma picada que segue até á Prainha. As demais communicações são feitas pelos rios, inclusivè com Iguape, de cuja cidade dista uns cento e quarenta e cinco kilometros, servidos pelos vapores da Empresa de Navegação Fluvial Sul-Paulista, subvencionada pelo Estado. E' dos districtos do municipio o que apparenta maior decadencia; entretanto, quer a população quer a lavoura, são maiores que as da Prainha.

Mas... desçamos mais o rio: chegámos á barra do Juquiá, limite do districto; eis-nos nas margens do magestoso rio Ribeira, no caminho para as principaes povoações da zona: Iguape, a noventa e oito kilometros e Xiririca, a cincoenta e seis. A barra do Juquiá é um dos pontos mais importantes da zona, e tambem um dos mais pittorescos, sobretudo vista da capella de Santa Luzia; entretanto, é pequeno o numero dos seus habitantes: crêmos que tem quatro casas, embora grandes. Convem attribuir este despovoamento á circumstancia de todos os terrenos pertencerem a particulares, que só mediante bôa indemnisação cederiam logar para concorrentes.

Talvez o Ribeira tenha aqui mais de duzentos metros de largura; e vendo descer as suas aguas com extraordinaria violencia, já batidas nos saltos e cachoeiras dos primeiros trezentos kilometros de seu curso, ficamos pensativos e admirados de que uma estrada tão comprida e tão larga seja tão pouco conhecida dos paulistas...

Recebendo o Juquiá, o magnifico rio Ribeira modifica o seu curso de noroeste para o sueste; e, descendo, o primeiro logar, digno de nota que se encontra á margem da importante estrada fluvial, é o sitio da Bôa Vista, á esquerda, onde existe um engenho de beneficiar arroz, pelo velho systema de pilões, movido pela agua do ribeirão do Tanque, navegavel por pequenas canôas, acima da represa, algumas horas de viagem. Mais abaixo, na outra margem, existe um ribeirão, navegavel em identico percurso e cujas aguas movem, egualmente, um engenho de beneficiar arroz do mesmo systema. E' tambem chamado de Tanque.

Nesta mesma margem, á direita encontram-se mais dois ribeirões: o Taquaral e o Registro. Este ultimo merece especial referencia, porquanto, além de ser muito habitado e navegavel por canôa durante dez horas, produz bastante arroz e tem caminho por terra para a povoação de Jacupyranga. Historicamente, tam-

bem merece menção; era na sua foz que residia o funccionario colonial encarregado de fazer o registro do ouro que se extrahia de toda a região.

Ainda mais abaixo, na margem esquerda, encontra-se o ribeirão da Ponta Grossa, que dá o nome a uma fazenda ora em ampliação, e a qual tem excellente engenho de beneficiar arroz (systema mechanico) e a melhor distillaria de aguardente de todo o municipio. Esta fazenda mereceria mais ampla referencia, si a necessidade do adiantar um estudo, por sua natureza moroso e delicado, não nos forçasse a desprezar incidentes; entretanto, diremos que nella existe cemiterio e uma capella sob a invocação de S. Miguel, construida pelo actual proprietario da fazenda.

Chegamos agora ao Carapiranga, ponto do Ribeira, onde o rio se torna bem razo, devidos aos muitos *furados* que tem para baixo, o que constitue o maior obstaculo para a navegação fluvial a vapor, sobretudo no inverno, época em que é forçada a tomar praticos nesta paragem, perigosa pelos bancos de arêa movel existentes. O balisamento, em tal estação do anno, é feito diariamente com canna de ubás (*gynerium parviflorum*), pelos praticos, cujos serviços os mais pequenos vapores têm de utilisar. O nome Carapiranga, dado a este local, advem-lhe de um affluente, que despeja suas aguas pela margem direita

Vencida esta perigosa passagem, chegamos ao Jurumirim, ribeirão que afflúe pela esquerda e tem bastantes moradores; depois, o sitio do Guaviruúva, assim denominado porque delle se fez, em tempo communicação com o rio do mesmo nome, affluente do Piroupava, communicação essa que ainda hoje, em certas épocas do anno, serve aos moradores daquelle rio para virem á margem do Ribeira vender arroz e comprar aguardente ao engenho que aqui ha.

Deste logar para baixo, até á barra do Jacupyranga, nada nos recordamos que exista digno de ser mencionado. E' possivel que nesta rapida descida do Ribeirão tenhamos omittido alguns pontos em nada inferiores a outros accaso descriptos, não obstante sermos mais minucioso do que quantos nos têm precedido em trabalhos desta natureza; isso, porém, não nos desgostará, si os pontos referidos o estiverem com aquella exactidão irreprehensivel que se faz mistér.

Quem tiver lido os nossos artigos terá reparado na importancia especial que consagramos aos rios. E' tal o papel que elles representam na geographia physica e é tal o papel que elles podem ser chamados a representar, quando a zona, totalmente aproveitada, carecer de um systema de viação fluvial que dispense estradas de ferro custosas ou quando as necessidades da agricultura exijam a irrigação de terrenos, cuja constituição geologica tornou presentemente estereis, que não hesitamos em dar á hydrographia do Ribeira o primeiro logar entre os objectos do nosso estudo.

III

Agora deixaremos por algum tempo o rio Ribeira e subiremos um dos seus principaes affluentes, o rio Jacupyranga, que durante alguns annos gosou do beneficio da navegação a vapor, mas que actualmente regressou ao systema dos autochtones, a canôa. Neste ponto, como em todos os outros identicos, a culpa é attribuida aos governos; nós, porém, suppomos conhecer a zona sufficientemente para só responsabilizarmos os governos pela falta de fiscalisação no aproveitamento das largas sommas votadas pelo poder legislativo e das concedidas pelo poder executivo e tambem pela falta de estudos preliminares dos melhoramentos pedidos, para vêr si elles bem correspondiam ás necessidades do momento ou si não seriam inuteis, desde que outros não fossem realizados simultaneamente.

O rio Jacupyranga é, como dissemos, um dos principaes affluentes do rio Ribeira; e, cumpre sempre que impregnemos de toda verdade as nossas affirmativas, o mais abandonado, o mais negligenciado, o mais sujo delles! O Jacupyranga, navegado ha alguns annos por pequenos vapores, difficilmente, em tempo de sêcca, dá passagem a canôas de grandes capacidade, tão obstruido elle se acha, tanto desleixo hão manifestado as auctoridades em compellir o povo á observancia da lei, justa ou injusta, que o obriga á limpeza dos rios! E a parte desta arteria fluvial, outr'ora navegada a vapor, tem a extensão de cento e tres kilometros...

Subamos, porém, o rio, e prestemos attenção aos seus affluentes e logares mais importantes. Daquelles, o primeiro que se encontra é o lodoso Bamburral, a que alguns chamam Mambural, e o segundo o Quilombo, onde diz-se existir lignite, mas duvidamos que assim aconteça. Ambos affluem pela esquerda; o Bamburral tem na sua foz um engenho de pilar arroz e o Quilombo tem outro no interior, o qual lhe desvia a agua, pelo que hoje não dá mais accesso a canôas, como outr'ora.

Acima encontra-se a Praia Redonda, que é a divisa entre os districtos de Iguape e Jacupyranga. Continuando a subir o rio, chegamos ao Capinzal, cuja foz constitue bonito esteirão. Este curso de agua é navegavel cinco horas, por canôa, e os seus habitantes, que são numerosos, dedicam-se de preferencia á cultura de arroz.

Subindo mais, á direita. apparece-nos a fazenda Larangeirinha, propriedade agricola bem cuidada, com alguns milhares do pés de café, extenso cannavial e apreciavel pomar de larangeiras e jaboticabeiras. Ha alli engenhos de fabricar farinha e aguardente e beneficiar café. Desta propriedade á séde da ex-colonia de Pariquera-assú, gastam-se duas horas.

Continuando a subir o Jacupyranga, onde, é bem sabido, existe, entre as suas arêas, magnetito e pyroxenito passando

para magnetito, e cujas margens, guarnecidas de cascalho lavado, mostram quão grande foi alli, no tempo da extracção aurifera, a actividade dos batêadores, chegamos ao pequeno e pedregoso Mandihy, que vem pela esquerda, e logo acima, do mesmo lado, apparece-nos o Padre André, rio navegavel, por canôa, durante quatro horas, ao cabo das quaes está um salto de 0,^{m}50 de altura. Os saltos e cachoeiras proseguem dahi até ás suas nascentes. Na foz do corrego que em ultimo logar afflúe ao Padre André, ha um engenho de pilar arroz, que é a principal lavoura dalli. Este rio Padre André recebe o ribeirão Braço de Gado, mas não podemos precisar o ponto exacto em que isso occorre.

Vem agora o Turvo, innegavelmente o mais importante dos tributarios do Jacupyranga, rio em cujas margens se encontra abundantemente ferro titanado e apreciaveis indicios da existencia de chumbo. O Turvo é francamente navegavel por canôa e recebe muitos ribeirões, entre os quaes e successivamente, o Maneco Dias, pela direita; Agua Parada, pela esquerda; Lemos, pela direita, Joelho, pela esquerda; Parafuso, pela direita; e Alegre, pela esquerda.

Quer neste trecho, quer acima do Alegre, o Turvo recebe muitas aguas cujos nomes ignoramos; entre o Lemos e o Joelho, encontra-se a ilha do Turvo; na foz do Parafuso existe amianto; e tanto do Lemos, como do Agua Parada, ha caminhos por terra para as minas de ferro, ditas do Jacupyranguinha e Turvo.

Este ultimo caminho segue tambem para Xiririca e Jaguary, passando na Tapera do Faria, onde existe cornalina, situada no ribeirão da Arêa Preta, cujo leito é formado por alluviões e corre entre grés e schistos com augito Daqui á conhecida mina de ferro é perto.

O importante rio Turvo, apezar do volume de suas aguas, é pouco correntoso, permittindo ser navegado em canôa cerca de dois dias. Tem innumeros moradores, que se dedicam principalmente á lavoura do arroz e da mandioca.

Retomando o rio Jacupyranga, encontramos logo acima uma pequena agua, aproveitada por um engenho de beneficiar arroz, pelo velho systema de pilões, como todos os precedentemente descriptos: é o Carapuhy. Vem pela direita, assim como o rio Canha, mais acima, o qual é navegavel por canôa cerca de oito horas até a divisa dos municipios de Iguape e Cananaê, e atravessa de N. a S. as terras da ex-colonia de Cananêa.

O Canha tem muitos moradores que se dedicam á cultura do arroz, milho, mandioca e algum café; as suas aguas correm com regular velocidade e o leito apresenta algumas piriricas.

Eis-nos agora na séde do districto de Jacupyranga, antigamente freguezia de Botujurú, nome este de um morro situado proximo e á margem direita do rio (alguns geographos têm ingenuamente asseverado que do morro sáe um calor morno!), situada acima da foz do rio Canha, á margem direita do rio que

lhe dá o nome e em logar alto e aprasivel, a 24° 40' latitude S. e 4° 49' longitude O. do meridiano do Rio de Janeiro.

Foi começada a edificação em 1860, ou pouco depois, e já em 1870 (lei de 5 de abril), era elevada a freguezia. Hoje tem umas cincoenta casas distribuidas por diversas ruas e no largo, onde se acha a matriz, templo este construido por ordem do governo, pouco antes do advento da Republica e o qual tem sido bem conservado, sendo actualmente o melhor e maior de toda a zona, exceptuadas as matrizes de Iguape e Xiririca, esta ultima ainda em obras.

O Jacupyranga constitue um districto de paz, que, em 1898, já tinha 307 eleitores. A população, que, em 1886, era de 4.198 individuos, subiu em 1890 (31 de dezembro), a 4.416, divididos em 2.241 do sexo masculino e 2.175 do sexo feminino, dos quaes 3.268 solteiros, 1.086 casados e 62 viuvos. Actualmente é bem maior o numero dos habitantes.

Da povoação ha quatro sahidas e a todas ellas vamos referir-nos : a que já percorremos, rio abaixo ; a que segue, rio acima, até ás cabeceiras do Guarahú e Jacupyranguinha e seus affluentes ; a que se dirige a Xiririca (via terrestre) e a que vem para o porto de Sabaúma, passando pela ex-colonia do Pariquera-assú.

Principiaremos pela segunda, isto é, continuaremos a subir o Jacupyranga, ao qual, logo acima da povoação, afflue, pela esquerda, o corrego do Garcia, cujas aguas vêm das cabeceiras do Turvo ; mais acima, pela direita, vem o ribeirão do Casimiro e pela esquerda um outro ribeirão sem nome, ambos procedentes de lagôas. Começam perto daqui as terras da Fazenda Velha, hoje lastimavel tapera, e as quaes são cortadas por dois corregos, vindos pela margem direita, primeiro o Pirraça e depois o Bôa Vista. Segue-se-lhe o bairro Guamiranga (1), situado á direita e por cuja margem vem o ribeirão do mesmo nome. Pouco acima encontra-se a vasta quadra conhecida pelo nome de Itapubussú (talvez devesse ser Itapébussú), a qual começa pela tapera Domingues, onde se acha a barra do ribeirão Desviado ; ao centro da quadra, mais ou menos, afflúe ao Jacupyranga, pela esquerda, o ribeirão do Itapabussú, que lhe dá o nome e o qual tem muitos moradores que se servem de caminhos por terra, visto o ribeirão não ser navegavel; e logo adeante, pela direita, vem o corrego da Lagôa, cuja agua move um engenho de beneficiar arroz. Chegamos, finalmente, á confluencia do Jacupyranguinha com o Guarahú, onde se fórma o Jacupyranga, cujo percurso total calculamos em cento e vinte kilometros e cuja descripção fica concluida, visto que desta confluen-

---

(1) Ha na zona diversos logares que o povo denomina indistinctamente, *Guamiranga* e *Vamiranga*. O esclarecimento desta corruptela sáe dos moldes do nosso estudo e, porisso, empregaremos para cada logar o vocabulo geralmente acceito entre os seus moradores.

cia para cima passa a ser chamado Jacupyranguinha e sob este nome o descreveremos opportunamente.

Vamos agora subir o Guarahu, que vem pela direita e nasce nas vertentes do Paraná. Logo acima de sua foz recebe, pela direita, o ribeirão do Soldado; mais a ima, a uma hora de viagem da foz, recebe o Pindaúva navegavel por pequenas canôas e que tem uns quatro metros de largura. Corre por elle e pelo Pindaúvinha, que affluc ao Guarahu pela mesma margem, um pouco adeante, a divisa por este lado, entre Iguape e Cananêa, e ambos nascem neste ultimo municipio e cortam as terras da ex-colonia do mesmo nome.

O Guarahu é um rio cheio de accidentes violentos, que lhe fraccionam a navegabilidade. Desde a sua confluencia com o Jacupyranguinha até ao Salto Grande é navegavel: são quatro a cinco horas. Este Salto Grande é constituido por cinco quedas com um desnivelamento de trez e meio a quatro metros. Entre o Pindaúva e o Pindauvinha, já mencionados, conta o Guarahú sete saltos, trez dos quaes são denominados Cattete, Pedra Molle e Furnas; em outros logares tem muitos saltos, mas só recordamos os de nomes Pilões e Pilõesinhos.

Continuando a subir o Guarahu, desde a foz do Pidaúvinha, encontramos primeiramente, pela esquerda, o ribeirão das Antas; acima, está o Salto Grande e adeante a *forquilha* (1), seguindo o Guarahu para a direita e a agua que vem pela *forquilha* para a esquerda, ambos em direcção ao visinho Estado do Paraná.

Como referimos, a navegação é feita por pequenos trechos; e o curso superior do Guarahu e o da *forquilha*, acreditamos serem completamente desconhecidos (2).

Retrocedamos agora á confluencia do Guarahu com o Jacupyranguinha e comecemos a subir este interessante rio, que banha uma região destinada a um grande futuro pela sua excepcional e comprovada riqueza em ferro, o precioso metal por cujo consumo hoje podemos avaliar sem erro o gráu de civilisação dos povos. Reservaremos, porém, os detalhes para mais adiante, quando chegarmos ao ribeirão da Arêa Preta, a que já alludimos de passagem.

O Jacupyranguinha corre sobre talschisto e por entre morros de grés antigos, metamorphoseados com augito: a analyse das arêas denuncia a riqueza mineralogica das montanhas de que ellas provêm; o solo, quasi virgem nas suas margens e a pouca distancia coberto de florestas gigantescas, promette a mais larga remuneração aos lavradores. Entretanto, desde a confluencia com o Guarahu, contam-se, successivamente, tres taperas: Feli-

(1) A' confluencia de dois cursos de aguas, o povo chama *forquilha*. Da confluencia o nome estende-se ao curso menor, sempre que este não tenha denominação especial, como no caso presente.

(2) O rio Garahu, da foz do Pindauva para cima, não deveria ser descripto neste artigo, por pertencer ao municipio de Cananêa,; fizemol-o, porém, porque o municipio de Iguape alli exerce jurisdicção. O Congresso vae, afinal, decidir a contenda.

zardo, Maria Ramos e José Bueno; entre a primeira e segunda, vem, pela esquerda, o ribeirão do Ramos, e á terceira vem dar, pela mesma margem, o ribeirão do Barro Branco.

Tres taperas! Confrage-se-nos o coração ao escrevel-o; tres taperas, tres propriedades abandonadas e situadas todas na terra mais fertil da zona, a caminho do Paraná e numa das tres regiões de mais brilhante futuro! O defeituoso systema commercial daqui, a incapacidade de substituir o braço escravo pelo braço livre, a indolencia, gerada, em parte, pelo baixo salario e que repousa na variedade dos fructos e na abundancia da caça, fez a zona de Iguape regressar ao que era ha cem annos, quando a mineração cessou e a lavoura foi iniciada.

E, francamente, vivendo no maior analphabetismo e sem escolas para os filhos; desconhecendo absolutamente as commodidades que o dinheiro proporciona e passando a vida, por mais longa que ella seja, sem receberem, por uma só vez, cem mil réis; derrubando mattas, queimando coivaras, plantando arroz e colhendo-o á thesoura, para, nos povoados, o permutarem, como no interior da Africa, por aguardente, algodão e fumo das mais inferiores qualidades e escandalosos preços—qual é o estimulo para o trabalho que lhes leva o homem civilisado, o commerciante, o arauto da civilisação?

Não basta accusar de indolencia determinada fracção de um povo; é preciso verificar si o *meio* lh'a não acoroçôa, como se observa aqui, onde, por um lado, a facilidade de alimentar-se e, por outro, a degradante remuneração concedida ao trabalho, levam o homem a nada fazer mais do que o strictamente indispensavel para garantir-lhe a conservação da existencia.

Poderiamos agora entrar em considerações de ordem ethnologica e climatologica; abstemo-nos, porém, de o fazer, para não alongar demasiado este estudo. Convem, todavia, frisar que, no verão, a temperatura média, tomados os ultimos oito annos, foi de 21° centigrados, não excedendo de 15° a oscillação diaria, quando, em alguns logares da Europa, ella chega a ser de 45°. Assim, pois, nem a zona tem as oscillações elevadas e brutaes que tanto prejudicam a saude publica, nem tampouco o calor excessivo, que enerva o individuo, inhabilitando-o para o trabalho.

Verifica-se, portanto, que os factores da indolencia são os que primeiro mencionamos, e independem da climatologia. E como podem ser accusados de indolentes os que se levantam ao remper do dia e logo vão, mal alimentados, para o ingrato serviço da lavoura, vergados sob o peso dos machados demolidores das mais possantes e maravilhosas florestas virgens, para nunca verem uma moeda que lhes atteste o trabalho?

Mas, não avivemos chagas... Continuemos a descripção. Depois: do ribeirão do Barro Branco, a primeira agua que se encontra é o corrego do Agostinho Domingues, nome do proprie-

tario de um sitio annexo, situado á esquerda; subindo, á direita, encontramos o Baguassú, que constitue pequeno bairro; acima aflue, pela esquerda, o ribeirão da Saracura, que tem um engenho de pilar arroz. Mais acima, pelo mesmo lado, ha um ribeirão, crêmos que sem nome.

Apparecem-nos agora cinco ribeirões, que pela ordem ascendente, são os seguintes: Mathias, á direita; Quilombo, á esquerda; e Silvestre e Juca de Lima, á direita; e pela esquerda, o ribeirão da Area Preta, já mencionado mas cuja excepcional importancia nos força a ampla referencia, porque, em verdade, é nelle que está a parte até agora reconhecida principal da mina de ferro do Jacupyranguinha e Turvo; e porque foi alli que fizeram, em 1889, o forno e diversas edificações, cujas ruinas ainda hoje podem ver-se, apavorando o capital, já de si tão retrahido.

Deste logar á séde da freguezia ou districto de Jacupyranga, gastam-se, a cavallo, duas horas e em canôa, seis horas, tendo já sido feito esse percurso por lancha a vapor. Daqui ao Turvo e suas cabeceiras, a distancia é pequena e as communicações relativamente faceis.

Para o historico desta mina, poucos dados possuimos. Sabemos apenas que, por decreto de 26 de novembro de 1872, foi ella concedida a cavalheiro que, mais tarde, a transferiu a outro; este, com audiencia do governo imperial, tambem a transferiu a uma companhia, no anno de 1881. O ultimo decreto a respeito, parece-nos ser o de 24 demarço de 1883. A concessão caducará, definitivamente em 1931, mesmo que esteja em actividade a sua exploração.

A mina occupa uma área de 49130400,00 metros quadrados, e nella existem tres qualidades distinctas de mineral: o primeiro, é negro, dá pó preto, tem fractura concoidal e é massiço; o segundo, é egual, mas com alguma ganga; o terceiro, é cavernoso, escuro, com pequenas veias de quartzo (ferro oxydado hydratado). Nenhuma dellas contém enxofre ou phosphoro e todas pertencem á cathegoria dos minereos ricos, porque, segundo analyses, o ferro puro está na proporção de 54,36 a 58,40 %.

Como já dissemos algures, o leito do Arêa Preta é alluvional e corre entre montanhas de grés e schistos com augito, alguns metamorphisados; e aqui e alli apparece calcareo puro. Foi nesta área, tão vasta, bem irrigada e geologicamente interessante e promissora de riquezas, que, em 1889, uma companhia iniciou os trabalhos, guiada apenas pelos lisongeiros resultados de analyses feitas no *Bureau d'essais*, de Paris, e nos laboratorios *Metallurgico* e do *Saint-George Hospital*, de Londres, e fascinada pela abundancia do mineral que se vê na superficie do solo.

O capital da companhia (500:000$000) desappareceu sem que fosse feita uma sondagem, de modo que ainda hoje se ignora a

extensão e a espessura da jazida! O dinheiro foi absorvido em construcções dispensaveis e até em bondes para a gerencia, lançando, afinal, o descredito sobre a mina e afugentando aquelles que accaso esperavam o resultado daquellas explorações, para iniciarem outras nesta mesma zona.

Tem sido accusada a companhia por haver mandado construir um alto forno, em vez de preferir o methodo catalão; nós, porém, achamos essas accusações, sinão infundadas, pelo menos pouco judiciosas. Em nossa opinião, uma empresa nova que queira explorar o ferro desta mina, deve pôr de lado tudo quanto a outra companhia fez. Ella não deixou nada aproveitavel. Só depois de estudos bem feitos, é que póde preferir-se o methodo de extracção.

Não ha duvida que o italiano ou catalão, sendo menos dispendioso e proprio para aproveitar o carvão vegetal e, como força motriz, as quédas de agua, seria preferivel; porém, tal methodo exige mineraes fusiveis, de reducção facil, e a esta classe não pertencem os mineraes quartzosos, como os desta mina, porquanto das tres amostras mencionadas e analysadas, resulta que a primeira apresenta *vestigios* de quartzo, a segunda, 5,60 °/₀ e a terceira 35,50 °/₀ (incluindo alguma argila). Podemos asseverar que o quartzo está associado a todo o minerio da Arêa Preta.

Outra circumstancia digna de ser considerada, é que o methodo catalão não convem aos minereos calcareos, por causa do acido carbonico que, desenvolvendo-se, tiraria muito calor; e das tres amostras, duas apresentaram *vestigios* de cal e a terceira 0,30 °/°.

Convem, pois, não illudir ninguem. O ferro desta mina é magnetico, e até muito é tambem magnetico polar; a sua quantidade parece ser extraordinaria, immensa, á vista do que se nos depara sem sondagens. O oxydo de manganez, cuja importancia nenhum profissional desconhece, anda associado ao minereo desta jazida. Seja, pois, qual fôr o capital necessario para bem aproveitar esta mina, acreditamos que elle obterá largos juros. E' simplesmente extranhavel que até hoje não tenha apparecido um syndicato que tome o encargo de utilizar tão grande riqueza natural.

Agora que já dissemos algo de elucidativo ácerca do ferro, retrocedamos ao Jacupyranguinha e continuemos a subil-o desde a foz do Arêa Preta. Primeiro deparam-se-nos successivamente os logares Cachoeira, Furado e Pouso Alto, vindo dar a este ultimo, pela direita, o ribeirão do mesmo nome; acima, pela esquerda, o corrego do Bento Rodrigues; e, ainda acima, pela direita, uma outra agua, o ribeirão da Serra.

Chegamos agora a um dos principaes affluentes do Jacupyranguinha: é o Bananal, rio que vem pela esquerda e serve de divisa aos municipios de Iguape e Xiririca. E' navegavel durante seis horas, parecendo não ter cachoeiras ou si as tem é já perto de suas nascentes, muito longe. Recebe diversos riberões, entre os quaes, a partir de sua foz o Moreira, pela direita, e o Pito, pela esquerda.

Acima da foz do Bananal, encontra-se, pela outra margem, o ribeirão da Onça Parda que tem bastantes moradores; depois, pela esquerda, o ribeirão do Benedicto, e logo depois pela direita, o ribeirão do Maneco Antunes. Veem ainda, pela esquerda, um corrego cujo nome ignoramos; pela direita, o ribeirão das Cortezias, nome que lhe foi dado pelos antigos por ter alli um pau que obrigava os viajantes a se abaixarem; pela esquerda, o corrego do Antonio Ribeiro e o ribeirão do Manuel Gomes, este ultimo com boa agua, mas cujos innumeros e violentos torcicolos não permittem a navegação; e ainda, pela direita, um corrego cujo nome olvidamos. Chegámos agora a duas barras de ribeirões, uma situada em frente á outra: é o Cotia, e não conhecemos na zona uma agua em tão curiosas condições.

Quatro horas acima da foz daquelle ribeirão do Manoel Gomes, affiue ao Jacupyranguinha, pela direita, o rio do Azeite, que corre por entre a serra do mesmo nome e o do Guarahú. Tem muitos affluentes e saltos: é bem habitado, dedicando-se de preferencia os seus moradores á lavoura do milho e á criação de porcos.

Um pouco acima da foz do Azeite, apparece-nos o magnifico salto do Jacupyranguinha, com dois metros de altura; e vencido elle, ainda o rio é navegavel por canôa durante algumas horas, até o porto da Lavra, na foz do riquissimo e extenso ribeirão do mesmo nome, de onde, nos tempos coloniaes, se extrahiu consideravel quantidade de ouro.

Dahi para cima conhecemos apenas o ribeirão Queimado, ou Braço Queimado, já perto das nascentes do Jacupyranguinha, nas contra vertentes do Estado do Paraná. Passa, então, ao lado, do vasto Faxinal, grandes florestas de herva matte e immensos pastos naturaes, julgados sufficientes para duas mil cabeças de gado bovino, tudo occupando uma área de 43560000,00 metros quadrados, concedida pelo governo em 1892, e até hoje, treze annos volvidos, completamente abandonada e deshabitada!

Do Azeite para cima, o Jacupyranguinha não tem apenas os dois affluentes que indicamos; muitas outras aguas nelle se despejam, mas não lhe sabemos os nomes, e rarissimas pessoas indicariam siquer um terço das que vimos de mencionar. Esta zona é difficil de descrever, já o dissémos algures; são tantos os morros e até serras, os corregos, ribeirões e rios que teem o mesmo nome, e ás vezes no mesmo municipio, que é preciso reflectir bem na situação delles, para não darmos á estampa erros como aquelles que inçam trabalhos identicos.

O Jacupyranga e Jacupyranguinha (este, como vimos, é aquelle a juzante da foz do Guarahú, onde é menor), cuja descripção acabamos de concluir, é um dos grandes affluentes do Ribeira e ha de opportunamente ser conhecido em todo o Brasil. Alem de muitas outras circumstancias que deixaremos de enumerar, garantem-lhe tal situação as de cortar as terras mais ferteis

numa zona de terras ferteis e de emquadrar, com o ribeirão da Area preta e o Turvo, uma mina de ferro que promette produzir o metal necessario, durante largos annos, para todo o sul do paiz.

Todas as principaes aguas mencionadas nascem na serra geral, a que melhor cabe o nome de Guarahú, e que justamente nas cabeceiras do rio deste nome emitte um ramal para O S O. no Estado de Santa Catharina, o qual tem diversos nomes e vae acabar no Uruguay. As montanhas da bacia do Jacupyranga são do typo francamente volcanico e as rochas caracterisam-se pela nephelina e leucita.

Voltando agora á séde da freguezia, e tomando o caminho de terra que segue para Xiririca, encontramos primeiro o sitio do Garcia, onde existem engenhos de pilar arroz e de fabricar aguardente; e, depois, o rio Turvo, logar perigoso, que obriga, por vezes, na época das chuvas, a pousar ás margens do rio os viajantes. Finalmente, chegamos, por este lado, á divisa com Xiririca, que corre pelo ribeirão Braço de Gado, affluente do rio Padre André.

Si, porém, quizermos seguir para a ex-colonia de Pariquera-assú, encontraremos logo ao começo o rio Canha, que é por ella atravessado; e logo adeante a fazenda Esperança Agricola, excellente propriedade, dotada com aprazivel vivenda e ligada telephonicamente á séde do districto. Esta fazenda tem uns 12.000 pés de café e bastante gado tourino, cuja creação constitue a sua especialidade.

Ao termo de dezoito kilometros, acha-se a ex-colonia de Pariquera-assú, uma das tentativas, todas dispendiosas e mal determinadas, de desenvolver a zona, postas em pratica pelos antigos governos.

Ha, porém, ainda um outro caminho: é o que de Jacupyranga vae ao porto do Cubatão, em Cananêa, atravessando a ex-colonia deste nome. Hoje acha-se em lastimavel estado, mas crêmos que se cogita da sua reconstrucção, beneficiando assim os moradores daquelle trecho da zona.

IV

A séde do ex-colonia de Pariquera-assú, acha-se situada a cincoenta e oito metros de altitude e a dezoito kilometros da foz do rio que lhe dá o nome, no rio Ribeira de Iguape.

Devemos ocoupar-nos um pouco com esta parte do municipio que em suas diversas phases attesta bem a vacillação do governo e a incapacidade da maior parte dos funccionarios por elle nomeados para a administrarem. Vem de 1854 a idéa da fundação da colonia; em 1856 era demarcado o territorio; em 1857 nomeado o director e só quatro annos depois, em 1861, tentada a colonisação. Póde dizer-se que até 1887 a vida de

Pariquera-assú foi mais dêvida aos esforços do fundador de Jacupyranga, de que aos beneficios do governo; entretanto, nesta época, não havendo ainda uma regular delimitação de lotes e sendo estes occupados desordenadamente, o nucleo era constituido por duzentos e noventa e tres habitantes, dos quaes apedas vinte e cinco extrangeiros. Em 1888 foram medidos mais vinte e sete lotes, de vinte e seis hectares cada um, e immediatamente occupados sete.

Em 1887, pois, as cousas mudaram de rumo, mas ainda deixando muito a desejar. Entretanto, graças á nova orientação, a colonia mostrava, dez annos depois, isto é, em 1897, um capital accumulado em bens das diversas naturezas de mais de 1.000:000$000, ou seja mais de 2:800$000 por familia, tendo ainda produzido nesse mesmo anno 454:000$000, ou seja mais de 1:280$000 por familia.

No anno de 1898, a população do nucleo compunha-se de trezentas e cincoenta e quatro familias das quaes sómente cento e cincoenta e uma eram extrangeiras. Esta superioridade numerica dos nacionaes tem sido sempre mantida: em dezembro de 1899. sobre 1.771 individuos, 956 eram nacionaes; em 31 de dezembro de 1900, sobre 1.613, 1.141. Faltam-nos dados sobre a população actual, mas podemos asseverar que o numero de extrangeiros diminiu consideravelmente, não sendo este anno o de menor emigração.

Em 11 de janeiro de 1901, o Congresso do Estado emancipou diversos nucleos coloniaes, entre os quaes o de Pariquera-assú. E' mesmo nos relatorios dos secretarios da Agricultura que encontramos escriptos, com a mudez eloquente dos algarismos, os resultados daquelle acto legislativo e que decerto são bem contrarios aos que os legisladores esperavam. Os algarismos de 1900 alcançam o nucleo sob a administração do Estado; os de 1901, sob a administração politica da edilidade de Iguape:

	1900	1901
Allemães	63	24
Austriacos	149	99
Dinamarquezes	5	2
Hespanhoes	3	1
Inglezes	7	4
Italianos	390	226
Polacos	127	87
Portuguezes	18	3
Sueccos	24	16
Suissos	28	9
	816	471

Esta differença, repetimos, foi observada no curto e exacto periodo de doze mezes! Nem uma só das nacionalidades que povoavam o nucleo deixou de diminuir; e hoje o nucleo é ainda menor, e só mesmo o governo poderá evitar o abandono total, intervindo e novamente chamando a si a sua direcção. Ha agora no nucleo uma legitima esperança, derivada da bôa impressão que nelle recebeu pessoalmente o actual secretario da Agricultura e tambem de algumas providencias governamentaes, já decorrentes da viagem daquelle membro do Governo.

Continuando agora pela estrada que daqui segue para o porto do Sabaúma, encontramos primeiro o rio Pariquera-mirim; depois o ribeirão Vermelho e adeante o morro da Arataca, eminencia notavel, cuja encosta occidental já pertence á propriedade agricola ainda conhecida pelo nome de—Humaytá. Um pouco adiante achamos a bifurcação da estrada que conduz á importante fazenda, hoje denominada da Vista Alegre e constituida pelas antigas fazendas Tabacoára, S. Pedro, Laranjeiras e Cedro, occupando uma área de mais de vinte leguas quadradas, em sua quasi totalidade situadas já no municipio de Cananêa, mas que, para não alterar o plano esboçado, descreveremos agora minuciosamente, como merece; e, fazendo-o, não somos levados pela grande área territorial que ella occupa, mas, sim, pela circumstancia de nella estarem encravadas as unicas mattas virgens e mattos fechados do littoral, que, em linha recta, desde o pico do Tapanhúapinda á foz do rio Momuna, nos dão uma ideia exacta da flora desta região, quer quanto á sua variedade, quer quanto ao seu crescimento maximo.

Em verdade, a flora da parte baixa desta zona e a da encosta da serra do Mar, na parte alcançada pela recta acima dita, é variadissima, mas os exemplares que a constituem não attingem grande corpulencia, devido, decerto, á constituição geologica do sólo, no qual abundam as rochas vivas; porém, na Vista Alegre, como a propriedade contém muito granito no estado de desagregação e ella se estende num *plateau* de regular elevação entre as cordilheiras do Cantagallo e do Cordeiro, ramificações da serra geral, destas certamente, no correr dos seculos, foram descendo os fragmentos feldspathicos, graniticos e syeniticos que dão ao sólo aquella côr e aquelle aspecto caracteristico, que valem tanto para o mineralogista ou geologo como para o lavrador a presença da myrtus tenella, da terminalia acuminata ou dos enterolobium, que aliás são aqui abundantissimos e apresentam um desenvolvimento anormal para esta faixa de terra.

Outra anormalidade é a da variedade da flora. Agassiz conta com admiração que, no norte do Brasil, encontrou, em setenta e cinco hectares de terras, cento e dezesete especies de madeiras preciosas; pois essa mesma quantidade encontraria

alli o illustre sabio, ou mais ainda, si tratasse simplesmente de madeiras em geral.

Ha ainda uma circumstancia digna de mencionar-se: é a de existirem alli varias plantas, como o couratari estrellensis, que não se encontram nas terras baixas dos municipios de Iguape e Cananêa; e é por causa destas anormalidades que affirmamos serem dignas de visita e de observação as mattas da Vista Alegre, como as unicas, em toda a f ixa já citada, que apresentam simultaneamente com a grande variedade de plantas, um perfeito conjuncto e *typo intertropical*.

Desde os lycopodios, araceas e fetos que revestem e quasi escondem os penhascos das grotas, até ao schizolobium excelsum que disputa á euterpe edulis o imperio das florestas, temos largo campo de estudo. Só quanto a madeiras, ha umas dezeseis ou dezoito lauraceas, quatro machærium, diversas meliaceas, apocynaceas, clusiaceas, vochysiaceas, myristicaceas, sapotaceas, cæsalpiniaceas, mimosaceas, mais de vinte myrtaceas e outras, prefazendo um total de cerca de trezentas especies, proprias para todas as applicações industriaes, desde a marcenaria de luxo á caixoteria, e ostentando todas as côres naturaes e combinações de côres, com desenhos, ondas, aguas, que não raro causam admiração mesmo aos entendidos

Nesta parte da zona predominam as myrtaceas, em quantidade de milhões de arvores, especialmente dos generos psidium, eugenia e myrtus; e só o psidium pomiferum que vimos na fazenda é sufficiente para as exigencias de uma dessas fabricas que tanto contribuem para a economia do Estado do Rio e que de um ao outro extremo do paiz e mesmo ao estrangeiro levam o nome da cidade de Campos.

Para a cultura do cacáu que, neste Estado, só na zona de Iguape encontra todas as condições naturaes favoraveis, vimos na Vista Alegre uma immensa varzea de terra escura, ligeiramente arenosa e perfeitamente abrigada dos ventos do sul e do norte pelas serras proximas, a qual comporta muitos milhões de pés da preciosissima buettnerea, incontestavelmente um dos vegetaes que hoje se cultivam com mais segura e elevada remuneração. Tambem não faltam as mattas de cecropias e melastomaceas, indicio de terras boas para mandioca, nem as de anonaceas, indicio de terras boas para arroz; quanto ao café, nos muitos milhares de pés que, abandonados ha longos annos, resurgem agora das capoeiras velhas com uma vitalidade surprehendente, temos a prova de que elle se adapta egualmente a este clima.

O systema hydrographico não é dos mais complicados, porque uma parte das aguas corre para o Ribeira e outra para o Aririaya-mirim, sendo a principal das que irrigam a Vista Alegre, a do rio Cordeiro, que tem sua foz no mar de Iguape, cinco leguas ao norte do porto de Cananêa, mas já em terras deste municipio, pelo que só mais tarde as descreveremos. Comtudo, convem di-

zer que as principaes aguas que cortam a fazenda e que são todas tributarias do Cordeiro, se chamam Cordeirinho, Cedro, Jacú, Laranjal, Paraná Caçu, Desespero, Portão, Major, Marcelino e Antunes, em sua maioria corregos.

Orographicamente, só temos a accrescentar que as serras do Cordeiro e do Cantagallo, a que já nos referimos, são constituidas, a primeira pela que tem o mesmo nome e pelas do Laranjal, Itinga e Aririaya, e a segunda por uma série de morros chamados successivamente Momuna, Morrete do Sabauma, Botujurú, Maciel e Arataca, mas nem todos pertencem á Vista Alegre, embora lhe enquadrem os terrenos.

Voltando á estrada no ponto em que a deixamos ha pouco, isto é, na bifurcação, e continuando o trajecto cerca de cinco kilometros, chegamos ao porto do Sabauma, no rio do mesmo nome, que desagua no mar de Iguape, ao qual se chega ao cabo de quinze minutos de viagem tendo de um lado e do outro bosques de arvores viviparas, especialmente rhizophoraceas, por entre as quaes se póde navegar longas horas, perdido como num labyrintho, para ao cabo voltar quasi ao ponto de partida.

Na foz do Sabauma ha diversos destes pequenos bosques, a que, geralmente, dão o nome de *ilhas*; logo acima está a *pedra de Nossa Senhora*, ou *pedra do pouso*, onde, nos tempos coloniaes, se fazia o tombo das aguas (entre ambas aguas) que entravam pelas barras de Cananêa e Icapara.

Ainda acima, e bem perto, começa a *corôa* da Ilha Grande, *corôa* essa que tem uns dois kilometros e a qual dentro de annos, será coberta de vegetação como o restante da ilha, a qual é cortada transversalmente por um riacho sem nome.

Convem relembrar que este mar de Iguape, tambem conhecido pelo nome de *Mar Pequeno*, a partir do Sabauma tem de um lado o continente e de outro a ilha do Mar, um e outra bordadas de cyperaceas preciosas e abundantes em cellulose purissima.

Pouco depois de passada a ilha Grande, encontramos do lado do continente a ponta de Sorocaba, onde desagua o rio deste nome, cujas nascentes ignoramos, bem como as do seu affluente Sorocaba-mirim, mas ambos não tem importancia alguma, sob qualquer ponto de vista. Em seguida apparece, do mesmo lado, a foz do vallo do Ribeira, ou Vallo Grande, essa obra condemnavel, que tantos incommodos e despezas tem acarretado aos governos federal e estadoal.

Devemos agora ir procurar a foz do rio Jacupyranga, no rio Ribeira e descer este até á sua barra no Atlantico, para afinal nos occuparmos da cidade de Iguape e da barra de Icapara. Descendo, pois, o Ribeira, só nos lembramos do Jacupy, á direita; abaixo apparece-nos logo o Pariquera-assú, em cuja foz se encontra um bom estabelecimento agricola e commercial;

logo acima afflúe, pela direita, o Pariquera-mirim, que antes tinha sua barra directamente no Ribeira; e ao Pariquera-mirim afflúe, pela direita, o Braço Preto, navegavel por canôa durante tres horas e que nasce perto da colonia. O percurso de dezoito kilometros, que já em outro logar dissémos ser o do Pariquera-assù desde a sua foz á povoação, poderia ser feito por lancha a vapor. Tal navegação, dispensando os colonos de transportarem as suas mercadorias em animaes até ao porto do Subauma (dezoito kilometros), seria uma excellente medida e um valioso factor para o resurgimento daquella colonia.

Descendo ainda o Ribeira, encontrámos os seguintes ribeirões: Caputera, á esquerda, que crêmos nascer no morro do Caiobá, destacado já, mas ainda pertencendo á serra dos Itatinis; Guamiranga, á direita, parecendo vir do mesmo morro; e já na grande curva do Ribeira, chamada Enfadonho, o Caeté-mirim, á esquerda. Esta volta do Enfadonho é evitada pelos viajantes, no tempo das chuvas, passando por um furado. Temos ainda o logar Esteirinho e á esquerda o ribeirão Jupuvura, que vem do morro do mesmo nome; e, mais abaixo, do mesmo lado, o Riosinho, ribeirão com affluentes, e á direita o rio Momuna, muito lodoso, navegavel por canôa durante oito horas, apezar das *ilhas* de capim que nelle se formam até onde chega a maré. O Momuna nasce perto do Sabauma, a uma legua mais ou menos do porto deste nome no mar de Iguape, divisa deste municipio com o de Cananêa.

Depois passámos pela foz do Paricó, á esquerda; pelo sitio do Arapongal, Campo Largo, Morretes, onde ha grandes pastos e um furado que encurta a chegada ao Pastinho e logo abaixo se encontra a grande curva do Satyro, o navegavel ribeirão do Ruivo e a bocca do Vallo Grande, que segue para a cidade de Iguape.

Continuando, porém, a descer o Ribeira até á sua barra natural no oceano, encontrámos o Piroupava, rio importante, que vamos subir na direcção da serra do Pouso Alto, onde elle tem suas nascentes. Além de outros pequenos affluentes, conta este rio os seguintes: o Capivary, pela direita, que nasce no morro Caiobá, de cuja lagóa sae tambem o ribeirão do mesmo nome, que desagua no Brejaytuba, tendo aquelle Capivary muitos moradores e sendo navegavel uma hora, talvez metade do seu curso; pela esquerda, o Tucum, que nasce no morro das Arêas e é navegavel umas duas horas, até o bairro deste nome; e pela direita, os ribeirões Vermelho, agua regular que vem de uma lagôa; Umboacica, em condições identicas; e o rio Guaviruúva, cuja foz pode ser considerada o limite da navegação regular do Piroupava, visto como este rio, dahi para cima, fica sempre transformado num immenso capinzal fluctuante.

Por seu turno, o Guaviruúva é navegavel e habitado, tem alguns affluentes, de entre os quaes nos lembra o Bigoá pela direita, que tem um affluente, o Braço. Ha um ponto em que

o Guaviruúva, que nasce no Serrote, passa a menos de cem metros do sitio Cabral, no rio Ribeira, como já tivemos occasião de dizer, tanto assim que, em certas épocas, os moradores do grande rio vêm ao Piroupava e os deste vão áquelle, e já, em tempo, se cogitou de regularisar esta communicação, o que não foi levado a effeito por haver receio de que toda a agua do Ribeira se encaminhasse para o Piroupava.

Voltando á foz do Guaviruúva e continuando a subir o Piroupava, encontrámos, pela esquerda, o ribeirão Itupamirim e o rio Preto, sendo que este tem um affluente pela direita, o ribeirão do Coveiro; mais acima, tambem pela esquerda, ainda o Piroupava recebe o rio Branco, importante, com muitos moradores e que tambem tem affluentes, sendo um delles pela direita, o Braço do rio Branco. E' navegavel cerca de cinco horas. Daqui para cima nada mais sabemos, mas parece-nos que bem perto estão já as nascentes.

Tornando á foz do Piroupava, no rio Ribeira, e descendo mais este ultimo, até á ilha dos Papagaios, vemos defronte a foz do rio Una d'Aldêa, de agua muito escura, em que fallamos já, mas que não descrevemos como elle merece, e, por isso, vamos consagrar-lhe ainda algum espaço.

V

O rio Una d'Aldêa constitúe importante bacia fluvial, que descreveremos superficialmente. E' elle uma das grandes arterias do municipio, navegavel por vapores, faixa outr'ora bem agricultada. E' seu primeiro affluente o rio Pequeno, pela direita, que nasce no morro das Arêas (contravertentes do Tucum, affluente do Piranjava) e permitte a navegação dos vapores durante quatro horas.

Acima da foz do rio Pequeno encontramos, pela direita, o rio Sapotanduba, ou talvez melhor Itapisantuba, onde ha porphyro purpureo com feldspatho e que tem diversos affluentes, de entre os quaes destacamos o Miqueiro, pela esquerda, e o Saputá, pela direita, muito rico sob o ponto de vista mineralogico, pois é facil colher alli boas amostras de ferro hydratado e outros mineraes preciosos. Aquelle Miqueiro tem um affluente, o Joca. Ainda acima do rio Itapisantuba, vem pela direita o Itimirim, grande rio navegavel por canôas e onde parece já haver sido explorado cobre e que tem pelo menos dois affluentes, sendo um delles o Preto e o outro talvez denominado Cayubi, nascendo o primeiro na serra do Pouzo Alto e affluindo pela direita. O Itimirim nasce na serra dos Itatins, o que concorre para dar maior valor á supposição de que esta inexplorada e attrahente serra contenha aquelle metal, cuja exploração foi requerida em 1891, mas nunca iniciada pelos concessionarios. Acima do Itapisantuba vem, pela esquerda, o ribeirão da Aldêa

Quasi póde dizer-se que o Una d'Aldêa é formado pela confluencia dos rios Itimirim e das Pedras, porque no logar onde estes confluem fórma-se uma ampla bacia á qual afflue o Cambixo. Crêmos que quando fôr estudado o curso destas aguas, assim ficará comprehendido; e nesse caso o Itimirim, acima descripto, não afluiria pela direita, mas sim seria o galho direito da *forquilha* e o rio das Pedras o seu galho esquerdo. Subindo o Itimirim, encontramos os rios Preto e Branco, seus affluentes pela esquerda; subindo o rio das Pedras encontramos, pela esquerda, o Guapihú, prolongado até ao rio Carvalho, affluente do Una do Prelado, e mais conhecido pelo nome de *furado do Carvalho;* e pela direita, o Itingossú, que recebe, tambem pela direita, as aguas do rio Despraiado, que nasce na serra do rio do Peixe, fazendo contra vertentes com o rio de igual nome, e no seu longo curso, recebe aguas das serras dos Itatins, do Paulo, do Pico Fino e do Botucavaru, o que verificamos em parte pessoalmente.

Effectivamente, o Despraiado, pouco abaixo de suas cabeceiras, recebe os ribeirões do Pico Fino, vindo da serra do mesmo nome, pela direita; e o Itaimbê Queimado, vindo do Botucavaru, pela esquerda. A' bacia do Una d'Aldêa pertencem ainda outras aguas, cuja situação exacta não podemos indicar agora, e entre estas as de nomes Branco, Preto, Cerrado, Claro, Forquilha, Jaboticaba, Umbéva, Nhundiahy, Onça e Itajubá. Neste ultimo, que talvez afflua ao Una pela esquerda, foi descoberto ouro em 1724.

Já que fallamos no Botucavaru, não deixaremos de dar a seu respeito alguns esclarecimentos. Tantas versões que correm, umas impressas e outras de geração para geração, é difficilimo hoje affirmar qual o facto que serviu para dar ao Botucavaru um renome tão grande, augmentado constantemente pela superstição, que, aliás, é bem desenvolvida na zona. Não entraremos em investigações philologicas, mesmo porque para isso nos falta competencia; mas a traducção *mosca a cavallo*, tão combatida por alguns estudiosos da lingua indigena, é por nós acceita sem reserva, visto que em uma das faces do morro, a que defronta em linha récta, o morro mais elevado da serra do Pico Fino, mostra distincta e clara um cavallo; — capricho da natureza gravado no granito. Quanto á mosca, nunca a vimos, talvez por ser um insecto bem pequeno...

Dissemos já ignorar o que deu causa a uma tão grande convicção popular de existencia de riquezas naquelle morro, mas para isso deve ter concorrido muito a incerteza até do logar em que o morro se acha. Expliquemos isto com melhor cuidado, visto que até agora ninguem quiz habilitar-se a fazel-o ou aquelles que o tentaram foram mais infelizes; antes, porém, transcrevamos aqui uma publicação feita ha muitos annos pelo barão de Piratininga, porque a sua leitura disporá melhor o letior a comprehender e julgar os nossos argumentos. Eil-o:

«Nos vastos e incultos sertões que se estendem como um mar de verdura entre a cidade de Iguape e as villas de Una e Piedade, se ergue, áquem da serra da marinha, o celebre morro de Botucavarú, ao qual a tradicção de seculos attribue riquezas fabulosas. Regatos crystalinos serpenteam sobre palhetas de ouro e pedras diamantinas; lagos encantados em cuja superficie lisa e dormente surge ás vezes, aos ultimos clarões do dia, uma nayade gentil, deslumbrante de belleza como as madonas de Raphael, ou as virgens pallidas, melancholicas e celestiaes, que a mente ousada do poeta entrevê nos rozeos horisontes do futuro, atravez das sombras de ridentes sonhos de illusão que nos enganam, e tem miragens fascinadoras e doces, no sentir de Chateaubriand.

«Os cabellos de ouro da formosa nayade se desprendem sobre espaduas alabastrinas que lhe velam o seio puro e virgineo, reflectindo como raios de nosso sol inter-tropical nos diaphanos crystaes do grande lago. A' noite, os genios do deserto, transformados em meteoros inflammados, descem ao palacio de crystal para visitar a dama do lago; e algumas vezes os seus gritos agudos como os dos phantasmas de Ossian, nas fallas mysteriosas e incomprehensiveis, segredadas por entre nuvens alvacentas, confundem-se com o sibilar dos ventos da meia noite, e que vam a solidão augusta do deserto...

«Pondo, porêm, de lado essas e mil outras lendas romanescas e phantasticas, a existencia da *montanha aurifera* do Botucavarú está na consciencia de todos. Sabe-se que todo o ouro empregado no douramento da egreja de MBoi foi trazido dali pelos indigenas que lhe sabiam o caminho.

«Ha talvez 40 annos que o alferes João de Deus partiu de S. Roque á frente de numerosa caravana em direcção dessa montanha, e no fim de 4 mezes, acabadas as suas provisões, e fatigado de inuteis trabalhos, voltou sem ter podido chegar ao Botuca-varú, que pretendia ter avistado por vezes.

«No archivo da camara de Itapetininga e de outras villas antigas ha descripções do caminho de Botucavarú e de suas immensas riquezas, A essas descripções dão o nome de *roteiro* e *aranzel.*

«Em epoca recente encorporou-se em Sorocaba uma companhia para a exploração do Botucavarú, e os sertanejos empregados nessa exploração nada conseguiram senão muita fadiga e grandes despezas para a associação.

«O habil engenheiro dr. Porfirio de Lima, explorando por ordem do governo a direcção de uma estrada que ligasse o sul da provincia com o porto de Iguape, pretende ter visto de longe o Botucaravú, em cujo cimo, auxiliado por um oculo de alcance, avistou duas pedras superpostas, sendo a debaixo com a configuração de um cavallo, e a superior com a de uma mosca com

duas grandes azas abertas, o que justifica o nome de Botucavarú, que na lingua guarany quer dizer—*mosca a cavallo.*»

Affirma-se aqui a existencia da *montanha aurifera* e a incerteza da sua situação topographica, comquanto por vezes ella tenha sido avistada pelos que tão ardorosamente a procuravam.

Parecerá que a transcripção daquelle escripto do barão de Piratininga não está nos moldes do nosso estudo; porém, assim não succede, como veremos. Após o desaparacimento dos antigos mineiros e de seus descendentes immediatos, perdeu-se a noção exacta do Botucavarú, jamais explorado, mas conhecido; e hoje, si não fosse o indicio seguro do cavallo de granito não poderia descobrir-se.

Posteriormente ás expedições descriptas, muitas outras têm sido organizados com o mesmo fim; entre estas mencionaremos, de passagem, uma que partiu de Conceição de Itanhaen e cujo chefe foi durante uma noite casualmente morto por uma anta perseguida por uma onça; a de um tal Fagundes, do Despraiado, ha talvez um anno; a de dois norte-americanos ha pouco tempo; e a de diversos moços mineiros, entre elles um parente proximo do presidente eleito da Republica, ha uns tres annos.

Quem é que tem partido de qualquer ponto, absolutamente certo do logar a que se destinava, isto é do ponto em que se encontra o Botucavarú? Ninguem. Tem-se escripto sobre o Botucavarú como pertencendo á cordilheira dos Itatins; e realmente, visto de longe, o parece; mas elle é, em verdade, um morro isolado, que poderá ser considerado um de seus contrafortes. De longe só póde avistar-se a serra dos Itatins, visto que o morro tem deante de si, para nordeste, serras altas, como seja a serra Carlos Botelho, que impediu que se aviste o Botucavarú. Do lado do leste e do sul não é possivel avistal-o; e do oeste, só já de muito perto.

Julgando o Botucavarú na dita serra dos Itatins, e alguns até julgando-o o pico mais alto da mesma, todos se encaminhavam na direcção daquelle e por isso todos perderam o tempo. Para a destruição da lenda, como mesmo para a verificação scientifico-mineralogica do morro, deveriam outros fazer como nós fizemos: *saber qual o morro em que se vê um cavallo:* este morro, alto ou baixo, é o Botucavarú.

Devido á sua collocação é difficil avistal-o de longe: está perto de uma alta elevação dos Itatins, na direcção O. 26½ S. e qualquer pequeno desvio o faz perder de vista, concorrendo para isso a Serra do Pico Fino, aquem, e a dos Itatins, além. Esta illusão é uma das causas primarias do insuccesso dos outros expedicionarios.

Vê-se, pois, que todos quantos tentaram chegar ao Botucavarú pela encosta oriental da serra dos Itatins emprehenderam uma empresa ardua e problematica e dahi o seu insuccesso. O

melhor, o unico caminho, é procurar nas cabeceiras do rio Despraiado, affluente de Una da Aldêa, o ribeirão Itambé—Queimado e subil-o: este nasce justamente no Botucavarú.

Quanto ás riquezas que dizem elle conter, nós oppomos as mais fortes duvidas: é certo que as suas rochas graniticas, rigorosamente eguaes a outras que conhecemos com veias de quartzo aurifero, pódem conter ouro, mas de lá não foi tirado ainda, porque no Itambê—Queimado não vimos vestigios de antiga mineração. O mesmo, porém, não succede nas cabeceiras do Despraiado, que fraldeia o Botucavarú, e que parece ter sido desviado pelos velhos pesquizadores de ouro: daqui é possivel ter saido o que foi empregado no douramento da egreja de MBoy, no que aliás não acreditamos, apezar da affirmativa que transcrevemos.

Devido a um desarranjo do aneroide, não podemos affirmar a altitude do Botucavarú sobre o nivel do mar: a que verificámos foi de 1.115 metros; entreranto, o que podemos affirmar é que tem 775 metros de elevação sobre o terreno. Tornando, porém, para este aquella altitude de 1116 metros, descrevemos a nossa ascensão: encontramos a cachoeira Conselheiro Amaral, no ribeirão Itambé Queimado, a 420 metros; subimos depois até 480 metros por uma picada de varação de canôa; chegamos ao primeiro *plateau*, a 502 m.; segundo *plateau*, 555 m.; primeiros rochedos, 585 m.; segundos rochedos, 608 ; fralda do terceiro *plateau*, 675 m; quarto *plateau*, onde ha uma enorme pedra isolada, 682 m. Daqui descemos até 645 m. para logo subirmos até 822 m. e a um quinto *plateau*, a 905 metros.

Até este ponto seguimos pela picada de caçador e descançamos junto de um rancho, onde almoçamos, sob frio intenso: ás 11 horas da manhã o thermometro marcava 13° centimetros. Ha neste ponto um psidium no qual gravamos a lettra P. Continuando a subir, fomos até 941 metros, mas já abrindo a picada, por tratar-se de terreno jamais visitado: de 941 a 1115 metros, subimos um rochedo,—ascensão perigosissima, que não é aqui o logar de descrever. A' 1 hora da tarde, naquella altitude, sob um céu sem nuvens e um bello dia de sol, a 28 de Maio, o thermometro marcava 19° centigrados.

Quando chegamos a tão elevada altitude, ficamos duplamente surprehendidos: por nos vermos separados da cordilheira dos Itatins e por nos encontrarmos no meio de flora propria das baixas altitudes, da beira-mar! De facto, da cordilheira separavam-nos uns duzeutos metros, mas que magnifica vista se nos deparava! De N. para S. a bellissima serra de Itatins, caprichosamente recortada como nenhuma outra; de E. para N. a serra Carlos Botelho. E entre uma e outra as grandes varzeas do Itimirim, ou melhor dizendo do Una da Aldêa, perpetuamente irrigadas, perpetuamente fecundadas.

VI

Descemos rapidamente o rio Una d'Aldêa e varando o Vallo Grande, chegamos á cidade de Iguape que, como se sabe, está edificada na ilha do mesmo nome, occupando uma aréa de 70.000 (?) metros quadrados, retalhada em dezenove ruas, cinco praças e duas travessas, com oitocentos predios, intercalados com centenas de outros já desmonorados ou que nunca chegaram a ser concluidos, o que lhe dá o aspecto de uma cidade morta, de uma cidade em ruinas.

O nome indigena *Iguape*, ainda não foi sufficientemente explicado por aquelles que se têm dedicado ao estudo da lingua dos aborigines. Cada um desses mestres decompõem os vocabulos a seu bel-prazer ou mesmo de accôrdo com suas investigações, dando-lhes accepções e significações diversissimas e augmentando a confusão existente, de modo que nos parece inutil aprender uma lingua que a isso se presta, por mais util que a reconheçamos aos naturalistas.

A cidade de Iguape, diziamos, está assente sobre uma ilha, com bellos morros graniticos dos qnaes descem excellentes aguas potaveis, aproveitadas para abastecimento da cidade e para rodas hydraulicas dos engenhos de beneficiar arroz, situados na contracosta.

Como em toda a zona e até como em todo o litoral do Estado, os iguapenses não souberam ou não quizeram substituir pelo braço livre os 440:000$000 de braços escravos que lhes foram tirados a 13 de Maio de 1888, e dahi data o segundo periodo de decadencia de Iguape, decadencia deploravel, que nos mostra sem movimento, sem vida, a séde de um municipio que, pela área, é um dos maiores do Estado, pelas grandes riquezas naturaes que contém um dos que deviam mostrar maior prosperidade, além de que, pela sua situação geographica, é o interposto commercial forçado para outros municipios!

Eis ao que está reduzido um municipio tres vezes secular, e que sempre dispôz de communicações com as demais terras do paiz, quer pela sexta estrada Oyenhasen, quer por meio de navios de vela, alguns pertencentes á propria praça de Iguape, quer por meio de vapores que, mais ou menos regularmente e desde pelo menos quarenta annos, frequentam o seu porto, hoje estuario insalubre e lodoso, salpicado de *ilhas* de graminaceas e cyperaceas, que são as elevações dos bancos alli formados pelos despejos do vallo e que tornam a grande navegação caprichosa como as curvas de um rio, coleada como a marcha de uma serpente!

Ao lado, a cidade, defronte, na ilha do Mar, o porto de Sernamby, revolvido pelos fabricantes de cal e pelos investigadores de sambaquis, porto sem exportação, no meio de um terreno, devastado na extensão de mais de uma legua pelos lenhadores, que deixaram aqui e além um ou outro côcos acrocomioides, para prova de que aquelle deserto é obra da civilisação.

Seguindo para a barra, passamos ao lado do morro da Vigia e do monte Gejava, este ultimo o mais alto e o mais agudo dos que visinham Iguape e ambos, bem como da Paixão, batidos pelas aguas do mar, ao sul; de todos elles nos occuparemos mais tarde. Ao fundo, a barra do Icapára, com os seus bancos e as suas lendas, á espera de que o governo mande fazer grandes estudos e trabalhos para vêr si, effectivamente, ella poderá dar sahida aos productos desta magnifica e abençoada zona de Iguape...

A barra de Ieapara é um eterno pesadello dos iguapenses; fechada ha largos annos, condemnada por profissionaes, continúa ainda a consumir-lhes as energias e a incommodar os governos A unica barra que ha de servir á zona para o commercio externo e directo, será a de Cananéa, explendidamente situada e com um bom abrigo. A de Ieapara (34° 42' 7" lat. S. e 4° 18' 24" long. O do meridiano do Rio de Janeiro) « é desabrigada inteiramente dos ventos que mais reinam naquellas paragens, o que faz com que o movimento das vagas combinada com o fluxo das marés a obstruam constantemente. »

Os ventos que predominam são E S E, NNW, N, SSE e E; a chuva em alguns annos não tem chegado a 1200.00 mm.; geada não cae e o calor nunca é tanto que produza insolação.

As principaes lavouras do municipio são o arroz e o café. Desta rubiacea ha, dizem, mais de 600 000 pés; quanto ao arroz, é mais positivo ver a estatistica da exportação do que outras quasquer estatisticas... e sendo elle o principal genero de producção do municipio, vamos consagrar-lhe algumas ilhas.

Esta graminea é, de certo, originaria da Asia, que lhe deve a sua antiga civilisação. Na Europa foram os gregos que a conheceram primeiro e os arabes que primeiro cultivam.

Parece que a cultura do arroz apresenta a singularidade de se haver sempre dirigido para o oeste : no seculo XIV era o principal alimento em Zanzibar, de onde passou para Madagascar. Desta grande ilha africana foram, em fins do seculo XVII, remettidas para as Carolinas as primeiras sementes que alli germinaram. Este facto, documentado por notavel historiador, destroe a supposição de que as primeiras sementes que entraram em Iguape vieram daquellas llhas da Oceania, pois é, certo que havia em Iguape lavoura de arroz ANTES de a haver nas Carolinas Sendo a lavoura de arroz exercitada em Portugal desde o seculo XI, não vêmos necessidade de ir buscar mais longe a origem do arroz de Iguape.

Quanto á qualidade, o arroz iguapense é sobejamente conhecido e justamente reputado, mas a sua producção, mesmo quando as sementes não estavam degeneradas, nunca attingiu a 150×1, ao passo que em muitos paizes americanos é de 200 a 300×1 e nas Philippinas chega a ser de 400×1. Entretanto, si a cultura fôr feita racional e scientificamente, e attendendo ao constante augmento de humidade causada pela vapor de agua

que se levanta do mar, não será difficil elevar aquella producção que tem descido lastimavelmente a 30×1!

A população do municipio era, em 1872, de 16.005; em 1886, de 17 638; e em 1890, de 18.141, dos quaes 10.614 pertenciam ao districto da cidade e 1.030 viviam dentro desta. Ha pouco dèram-nos, porém, nma nota de 3.000 habitantes na cidade, a qual apresentamos com as necessarias reservas.

Vê se, pois, que a natalidade não é grande, ou que então o é a mortalidade, o que não tivemos occasião de averiguar, mas que pomos em duvida, porque a verdade é que não obstante a profunda miseria do povo, a absoluta falta de hygiene e de tratamento medico e os pantanos e lagôas existentes na parte baixa do territorio de Iguape, este póde ser considerado salubre.

Vamos concluir.

Dos varios ramos que nos foi dado abordar, ha um em que apenas ligeiramente tocamos—a fauna; reconhecemol-a estraordinaria, mas faltam nos em absoluto os conhecimentos necessarios para della nos occuparmos. Outrotanto não succede com a hydrographia e a botanica, em que fomos bem extensos, e mesmo com a orographia e geologia, da qual se encontram neste estudo algumas informações talves novas. A botanica, isto é, a flora do municipio, seria ainda mais desenvolvida, se quizessemos aqui intercalar os nossos estudos especiaes, resultado de dois annos de labor e investigação, das plantas mais convenientes para o fabrico dos acidos vegetaes, designadamente o acido tannico e o acido acetico; das fibras textis; das plantas tinctoriaes e aromaticas e das que produzem cellulose abundante, incluindo-se neste numero arvores colossaes.

Das plantas com applicações therapeuticas poderiamos tambem occupar-nos desenvolvidamente, porque o municipio de Iguape produz desde a legitima *Sacra vitæ anchora* ao elegante cipó que, associado a magnifica arvore, realisa o ideal dos neo-malthusianistas, porque suavemente chama a menstruação retardada sem que as pacientes corram perigo ou soffram dôres fortes! Poderiamos ainda inserir a relação das quinhentas essencias florestaes que realmente são encontradas, e então verificar-se-ia o quanto differem daquellas que o estudo theorico da botanica e mesmo a leitura das obras especiaes sobre a flora paulista, nos dizem que alli encontraremos.

Finalmente, poderiamos juntar o diccionario geographico da zona, que confeccionamos sem divagações philologicas, apenas com o fito de indicar concisamente a situação exacta de logares e riachos geralmente ignorados na propria zona: porem; como o nosso gracioso contigente, no largo estudo que ora terminamos, não nos parece pequeno, deixaremos que outrem, com mais cabedal scientifico e com mais tempo disponivel, preste ao Estado de S. Paulo esse serviço.

M. Pio Correia.

155

[Rectificação geográfica a B. Calixto]

Indios do Itariry (*)

Só ha poucos dias tivemos occasião de lêr no X volume, da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, correspondente ao anno findo, o trabalho alli inserto sob o titulo —*Os primitivos aldeiamentos indigenas e indios mansos de Itanhaen*, firmado pelo sr. Benedicto Calixto, que de ha muito consagra a investigações historicas o tempo que não emprega em enriquecer as bellas-artes nacionaes com o seu tão justamente apreciado pincel.

Já pelo nome do auctor, já porque o trabalho se acha publicado numa revista que contribúe com informações valiosas para o melhor conhecimento da historia e geographia de S. Paulo e do Brasil, e que ha de sempre ser consultada pelos futuros historiographos e geographos, prestamo-lhes toda attenção e com surpreza lêmos o seguinte:

«Os terrenos onde actualmente se acham aldeiados os indios mansos, estão afastados das terras de S. João Baptista pelo rio Castro. Esse aldeiamento é nas cabeceiras do rio Preto no logar denominado Bananal e Tariruhú.

«O outro aldeiamento de indios mansos é no rio Itariry, affluente da Ribeira de Iguape, *no municipio de Itanhaen*, conforme explicaremos no capitulo immediato».

E no capitulo immediato explica:

«A tribu indigena que habita o *municipio de Itanhaen* está dividida hoje em dois pequenos aldeiamentos: *um no rio Itariry, nos sertões de Peruhybe*, a dois dias de viagem desta povoação e o outro no Bananal, dois dias de viagem da villa de Itanhaen». E mais adiante, referindo-se ainda ao primeiro dos aldeiamentos supra mencionados escreve:

«A outra fracção dessa tribu errante havia anteriormente emigrado para o littoral, indo formar o aldeiamento do Itariry, perto do rio Juquiá, *no municipio de Itanhaen*».

***

Da leitura daquelles trechos resulta que o sr. Benedicto Calixto está convencido:

a) que o rio Itariry é affluente do Ribeira.

b) que o rio Itariry corre perto do rio Juquiá;

(*) Publicado no *Diario Popular* de 8 de Junho de 1906.

c) que o rio Juquiá corre no municipio de Itanhaen bem como
d) o rio Ribeira ;
e) e finalmente, que o aldeiamento do Itariry se acha situado em terras pertencentes ao municipio de Itanhaen.

Pedimos licença ao auctor daquelle estudo, para rectificarmos os erros geographicos que nelle se contêm. E não o fazemos para desgostar tão distincto e estudioso escriptor, mas como homenagem á verdade, que cada um de nós decerto procura e venera.

Resumindo:

1.°—O rio Itariry é confluente com o S. Lourencinho e os dois formam o importante rio S. Lourenço; este é affluente do Juquiá; e o Juquiá, finalmente, é affluente do Ribeira. O Ribeira está a oitenta kilometros mais ou menos do Itariry.

2.°—O aldeiamento de indios do rio do Peixe (affluente do Itariry), acha-se situado em terras *do districto da Prainha, municipio de Iguape,* a mais de vinte kilometros *em linha recta,* da divisa dos dois municipios.

3.°—Nem o rio Juquiá, que nasce perto de Itapecerica, nem o Ribeira, que vem desde o Paraná atravessam terras de Itanhaen; e nem o mais tenue fio de agua nascido em terras de Itanhaen verte para o rio Ribeira ou para qualquer de seus tributarios.

Crêmos que o municipio de Itanhaen nunca pretendeu exercer juridiscção nas terras do rio do Peixe, que aliás, tendo por origem os corregos Melania, Anna Justina e Flavia, na serra do mesmo nome, nem siquer tem por contravertentes aguas que vão para a municipio de Itanhaen... O rio do Peixe faz contravertentes com o rio Despraiado pertencente á grande bacia do Una da Aldeia, affluente do Ribeira.

E si isto occorre com o rio do Peixe, vindo de uma serra cujas faces pertencem inteiramente ao municipio de Iguape, o que poderemos dizer do rio Itariry, para onde fazem fundos as terras do aldeiamento, quando a divisa é em face ao ribeirão da Teagem, seu affluente pela direita, pouco acima da fós do rio do Peixe? Reflicta-se apenas no seguinte: o Itariry é formado pela confluencia dos rio Azeite e Guanhanhan, e do ribeiro da Teagem até lá são alguns kilometros; pois bem nem até alli, nem em todo o curso dos dois refiridos rios, cabeceiras do Itariry, o municipio de Itanhaen exerce jurisdicção alguma!

Não ha a menor duvida que *o aldeiamento de indios do Itariry se acha situado no centro do districto da Prainha, municipio de Iguape.* E, francamente, bem desejariamos conhecer as razões que induziram o sr. Benedicto Calixto a affirmar o contrario.

Tal é a rectificação que offerecemos, suppondo-nos a isso auctorizado pelo conhecimento pessoal dos terrenos aldeiados e dos indios nelles residentes, bem como dos cursos de agua aqui mencionados.

S. Paulo, 6—6—906.

M. Pio Correa.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org